

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
LIDIA SCHNEIDER BRISTOT

MULHERES NO MOVIMENTO ESTUDANTIL DE FLORIANÓPOLIS (1975-1979)

FLORIANÓPOLIS

2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos dezessete dias do mês de julho do ano de dois mil e quatorze, às nove horas e trinta minutos, no mini-auditório do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo Professora **Cristina Scheibe Wolff**, Orientadora e Presidente, Professora **Cintia Lima**, Titular da Banca, e a Professora **Janine Gomes da Silva**, Suplente, designados pela Portaria nº08 /TCC/HST/14 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica **Lidia Schneider Bristot**, subordinado ao título: “**Mulheres no movimento estudantil de Florianópolis. 1975-1979**”. Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi argüida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo a candidata recebido da Professora **Cristina Scheibe Wolff** a nota final .10., da Professora **Cintia Lima** a nota final .100. e da Professora **Janine Gomes da Silva** a nota final, sendo aprovada com a nota final .100. A acadêmica deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital, ao Departamento de História até o dia 25 de julho de 2014. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela Candidata.

Florianópolis, 17 de julho de 2014.

Banca Examinadora:

Prof.a **Cristina Scheibe Wolff**.....

Prof.a **Cintia Lima**.....

Prof.a **Janine Gomes da Silva**.....

Candidata **Lidia Schneider Bristot**.....



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Lidia Schneider Bristot matricula
n.º 09161026, entregou a versão final de seu TCC cujo título é
Mulheres no movimento estudantil, com as devidas correções sugeridas pela
banca de defesa. (1975-1979)

Florianópolis, 24 de julho de 2014.

Riswana Schreibe Wolff

Orientador(a)

LIDIA SCHNEIDER BRISTOT

MULHERES NO MOVIMENTO ESTUDANTIL DE FLORIANÓPOLIS (1975-1979)

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção de título em bacharel em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação da Pra. Dra. Cristina Scheibe Wolff.

FLORIANÓPOLIS

2014

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho é a conclusão de um percurso ao mesmo tempo longo e rápido. Minha trajetória de cinco anos e meio (mais longa que o planejado) no curso de graduação em História da UFSC foi tão intensa que nesse momento penso que tenho pessoas demais para agradecer pelo fato de ter tido a sorte de conhecer e aprender com tantas pessoas maravilhosas durante esses anos.

Tudo isso só foi possível devido aos meus pais. Agradeço imensamente pelo amor, apoio, e por acreditarem em mim quando decidi fazer História. Foi a confiança de vocês em minhas escolhas e em minha capacidade que me permitiram chegar até aqui, sem o apoio emocional e material de vocês isso não teria sido possível. É por vocês e com vocês que esse trabalho foi feito. Cida Schneider, Porfírio Bristot, amo vocês. E se tudo que passou foi também devido a vocês, tudo o que espero me tornar é pensando no meu irmão. Tiago, espero que quem sabe um dia te interesse em ler esse trabalho, eu te amo e desejo que minhas ideias, atitude e apoio te inspirem a ser uma pessoa melhor, assim como você me inspira a buscar ser sempre melhor.

A todos os outros familiares, muito obrigada pelo apoio e incentivo. Com a família grande que possuo não conseguiria aqui agradecer a todas as tias, tios, primos, primas, avós e agregados. Ao meu avô, Porfírio Bristot, agradeço pelo apoio material e por sempre se alegrar por ter uma neta “intelectual”, ainda terei muitas histórias para te contar. A minha tia Dina, por ser um porto seguro em Florianópolis e por sempre me fazer me sentir tão bem, agradeço os conselhos acadêmicos, a convivência e todo o carinho. Ao meu primo Júlio, pela experiência dessa cidade de antemão, pelos anos de amizade além dos laços familiares e para continuar fazendo parte da minha vida. Agradeço ainda minha madrinha Taize, minha tia Sônia, minha vó Nair e por ter uma família tão grande e participativa.

Esse trabalho é também fruto de muito estudo, estudo esse que foi possível e frutífero por ter sido feito em um laboratório em que me senti tão acolhida. A experiência no Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH) é algo especial e só agradeço por todas as amizades que fiz e pelo imenso crescimento acadêmico que tive. Meu grande agradecimento às professoras Joana Maria Pedro e Janine Gomes da Silva e especialmente à Cristina Scheibe Wolff, minha orientadora, por todos os conselhos, paciência, liberdade e ensinamentos que permitiram que essa pesquisa fosse realizada. Agradeço também à Cintia

Lima, colega de Laboratório e pesquisa, por aceitar ser minha banca.

Às amigas e companheiras que encontrei no LEGH, mas não só nele, meu muito obrigada pela convivência, pelos feminismos, pelos conselhos, pelas lutas. A militância feminista e a academia para mim se misturam, e só tenho a agradecer pelo crescimento que isso me proporcionou e proporciona enquanto mulher, feminista e historiadora. Tamy Amorim, Musa Santos, Camila Diane, Gleidiane de Sousa, Gabriela Marques, Heloísa Nunes, Eloisa Rosalen, Marilene Félix, Dayanne Schetz, Priscilla Pessôa outras companheiras que conheci no LEGH, muito obrigada. Um especial agradecimento às grandes amigas que fiz nas construções das Marchas das Vadias de Florianópolis, na Coletiva Feminista Vadias Desterro, e nas tantas outras lutas feministas que travamos e ainda iremos travar. Vocês sabem quem vocês são, muito obrigada pela convivência, conhecer vocês me tornou uma mulher melhor e mais forte. Seguiremos juntas nas lutas.

Foram tantos os amigos e amigas que conheci nesses anos de universidade, tantas vivências, tantas amizades, sei que não conseguirei citar todos, mas queria agradecer a parceria das amizades que tive a sorte de continuarem ao longo desses anos atribulados. Júlia, Rato, Gabi, Léo, Gustavo, Carrinho, Ju, Mateus, Mimi, Lou, Mariana, Ana Clara, Louise, Diana e Camille e tantas outras. Meu muito obrigada também por aguentarem as reclamações e ausências relacionadas com esse TCC. E não sou muito afeita a romantismos, mas entre todas as pessoas que ouviram as lamúrias do processo de escrita desse trabalho, não poderia deixar de agradecer o companheirismo de Renan. Obrigada por estar ao meu lado e me apoiar ao longo desses meses e aguentar os momentos difíceis desse processo. Sua confiança, sua paciência e especialmente seu amor foram muito importantes.

*“Às que foram,
às que continuam,
às que virão.”*
autoria desconhecida.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o movimento estudantil da Universidade Federal de Santa Catarina em Florianópolis no fim da década de 1970 e perceber como se construíram as vivências das mulheres que dele participaram. Proponho discutir acerca das experiências vividas por algumas dessas estudantes, como elas se perceberam e se construíram enquanto sujeitas do movimento estudantil, quais foram suas trajetórias de militância e como o gênero foi determinante na construção das relações de militância. Para realizar este trabalho utilizo como fontes entrevistas realizadas com mulheres que vivenciaram esse momento, e utilizando ferramentas da História Oral, História das Mulheres e Estudos de Gênero busco analisar como se deu a participação e inserção delas na militância estudantil naquele contexto. O movimento estudantil foi um dos reconhecidos agentes de resistência à ditadura civil-militar brasileira, e entre os movimentos sociais e grupos de esquerda que se opunham ao regime, era o que contava com maior presença de mulheres entre seus militantes.

Palavras-chave: Movimento estudantil. Florianópolis. História das mulheres. Gênero. Ditadura civil-militar.

ABSTRACT

This paper intends to analyze the student movement of the Universidade Federal de Santa Catarina in Florianópolis in the late 1970's and to know how were the experiences of women who participated in it. I propose to discuss about the experiences of some of these students, how they perceived and constructed as persons of the student movement, which were their trajectories of militancy and how gender was determinant to the construction of militancy relationships. To make this study I use sources such as interviews with women who have experienced this moment, and using Oral History, Gender Studies and Women's History as tools I try to analyze how was the participation and inclusion of them in student activism in that context. The student movement was one of the recognized agents of resistance to Brazilian civil-military dictatorship, and between social movements and leftist groups who opposed the regime, was what had more presence of women among its members.

Keywords: Student movement. Florianópolis. Woman's History. Gender. Civil-Military dictatorship.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Comunicação de estudante no 1º ECE, 1979. - Zeca Pires Acervo Agecom.....	52
Figura 2: Ligia Giovanella no 1º ECE, 1979. - Zeca Pires Acervo Agecom.....	52
Figura 3: Manifestação contra o Presidente Figueiredo, 30 nov. 1979 - Acervo Jornal O Estado.....	69
Figura 4: Manifestação pela liberdade dos estudantes presos, 4 dez. 1979 - Acervo Jornal O Estado.....	70
Figura 5: Repressão policial aos manifestantes, 4 dez. 1979 - Acervo jornal O Estado.....	71

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. MOVIMENTO ESTUDANTIL NO BRASIL.....	19
2.1. A CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL.....	20
2.2. ESTUDANTES E A DITADURA CIVIL-MILITAR: possibilidades de resistência.....	23
2.3. MOVIMENTOS FEMINISTAS E NOVOS ATORES SOCIAIS.....	29
2.4. REESTRUTURAÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL.....	31
3. MOVIMENTO ESTUDANTIL EM SANTA CATARINA.....	34
3.1. EM BUSCA DAS MULHERES: a caso da Rainha dos Estudantes e de Eglê Malheiros.....	37
3.2. CONSTRUINDO O MOVIMENTO ESTUDANTIL CATARINENSE: da consolidação da União Catarinense dos Estudantes aos anos de repressão.....	41
3.4. NOVOS TEMPOS: o cotidiano de militância na década de 1970 em Florianópolis.....	46
4. ESTUDANTES E MILITANTES: a fala das mulheres.....	53
4.1. NOVENBRADA.....	61
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS.....	75

INTRODUÇÃO

Esse trabalho começou a ser construído com meu ingresso, em 2011, como bolsista de Iniciação Científica financiada pelo CNPq no Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH). Orientada pela Professora Cristina Scheibe Wolff, vinculei-me ao projeto *O gênero da resistência: na luta contra as ditaduras militares do Cone Sul 1964-1989*, e iniciei leituras e a participação no grupo de pesquisa, que também inclui atualmente os projetos das professoras Joana Maria Pedro e Janine Gomes da Silva, respectivamente *Vidas Clandestinas: relações de gênero na clandestinidade, um estudo comparativo no Cone Sul. (1960-1989)* e *Espaços de memória. Arquivos e fontes documentais (re)significando as ditaduras militares (Brasil e Paraguai)*. A vivência no LEGH, em um grupo que reúne tantas pesquisadoras foi extremamente gratificante e me permitiu um crescimento tanto acadêmico quanto humano importantíssimo. Ao longo desse tempo no Laboratório fui delimitando meu tema de pesquisa, que acabou se tornando esta monografia.

Sempre tive a vontade de pesquisar sobre o período da ditadura civil-militar¹ em Santa Catarina, talvez motivada também pelas memórias do meu pai, que desde de criança me contou sobre a sua vivência na UFSC no final da década de 1970. E assim acabei por pensar sobre a Novembrada, o mais famoso protesto catarinense que se inscreveu na história e na memória de Florianópolis como o ato de resistência ao regime civil-militar. Um trabalho que narre a memória sobre da Novembrada precisa ser feito, mas já é possível perceber, de antemão, que a memória desse episódio é até hoje utilizada e ressignificada pela mídia e pelos governos, de maneira a ser vista como o único momento de resistência ao regime. Ao iniciar meus estudos sobre a Novembrada a atuação do movimento estudantil foi uma das questões importantes a serem analisadas, e isso acabou se tornando o ponto principal e de maior interesse meu. Dessa maneira delimitando meu objeto de estudo que se transformou neste TCC: a participação das mulheres no movimento estudantil da Universidade Federal de Santa Catarina no final da década de 1970.

O movimento estudantil é reconhecido como um dos importantes atores sociais na resistência à ditadura civil-militar brasileira, tanto na ideia de jovem rebelde, acentuada com a

1 Compartilho da ideia defendida inicialmente por Daniel Aarão Reis de que a ditadura brasileira deve ser entendida enquanto militar e civil, uma vez que parcelas da sociedade civil foram apoiadoras do golpe e participaram e se beneficiaram do período de regime militar. Faço a escolha política de utilizar o termo ditadura civil-militar pois acredito ser importante que essa participação não seja esquecida ou invisibilizada. Apesar disso deixo claro ao manter o termo militar a importância e a grande característica da ditadura brasileira, assim como de todo o Cone Sul, da participação e protagonismo das forças militares no regime.

revolução dos costumes da década de 1960 e as rebeliões estudantis de 1968 pelo mundo, quanto como um movimento organizado e sério, em que de suas fileiras saíram muitas pessoas importantes no cenário político do país.² É também reconhecido como um espaço de militância em que as mulheres conseguem se inserir mais facilmente.³ No entanto, ainda hoje são poucas as pesquisas históricas que buscam perceber a atuação das mulheres no movimento ou utilizam a categoria gênero para analisar como o movimento estudantil é estruturado. Para compreender a atuação das mulheres no movimento estudantil da UFSC em um momento em que o mesmo procurava se reestruturar, foi que entrevistei diversas mulheres que participaram do movimento estudantil da UFSC em 1979. Esse foi o caminho que percorri, e com o objetivo geral delimitado, procurei analisar como essas mulheres se perceberam e se construíram enquanto sujeitos do movimento estudantil, quais foram suas trajetórias de militância, quais as relações de gênero perceptíveis em suas memórias sobre essa vivência e como significam essa vivência, de modo a buscar compreender como se deu a participação e inserção das mulheres na militância estudantil.

Essa monografia busca, então, elucidar um pouco o tema da História das Mulheres no movimento estudantil; sem, no entanto, nenhuma pretensão de esgotar essa discussão, uma vez que tanto a história das mulheres quanto das relações de gênero são temas muito pouco abordados na análise histórica do movimento estudantil. Trazer à tona a história das mulheres no movimento estudantil é uma maneira de dar visibilidade a essa questão. Minha intenção é muito mais contribuir para essa discussão recentemente iniciada, até porque nenhum trabalho histórico é capaz de dar conta de todas as questões e aspectos de determinado tempo histórico. Essa é também uma das alegrias do fazer histórico: ele é inesgotável. É sempre possível um novo trabalho a partir de outro olhar, outra questão, outra fonte, de maneira que procurei através desse trabalho contribuir com outro olhar sobre esse momento do movimento estudantil.

Para escrever essa história utilizo enquanto referenciais os estudos de gênero, da História das Mulheres e da História Oral de maneira a embasar teoricamente minhas análises. A História foi durante muito tempo uma história dos Homens, seja dos “grandes homens” –

2 José Serra, José Genoíno e Aldo Rebelo, apenas para citar alguns nomes mais reconhecidos. Cabe destacar que a grande maioria são homens.

3 Nas pesquisas sobre a atuação das mulheres nos grupos clandestinos de esquerda é colocado em destaque que a grande maioria delas iniciou sua atuação política no movimento estudantil. WOLFF, Cristina Scheibe. O gênero da esquerda em tempos de ditadura. In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe (orgs.). *Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010.

reis, imperadores, políticos, guerreiros – como dos operários, ela era escrita por homens e sobre homens. Como então encontrar as mulheres? Ou melhor, por que procurar essas mulheres? Compartilho da ideia da segunda onda feminista, de que “o pessoal é político”, e acredito que minhas escolhas e atitudes também são políticas, de maneira que a escolha por esse tema, a escolha de procurar por essas mulheres é uma escolha política que visa trazer à tona uma história que costuma ser invisibilizada. Afirmar que nós mulheres existimos e temos importância na história pode parecer simplista e inicial, mas acredito que é importante no contexto de nossa sociedade que ainda trilha o caminho da igualdade e justiça social. Por isso creio que fazer História das Mulheres seja ainda essencial, pois, como afirma Michelle Perrot, as mulheres não estão apenas nos espaços privados, restritas ao cotidiano e a rigidez dos papéis de gênero. É importante buscar pelas “mulheres em ação, inovando em suas práticas, mulheres dotadas de vida, e não absolutamente autômatas, mas criando elas mesmas o movimento da história.”⁴

Os estudos de gênero auxiliam a encontrar e compreender a vivência dessas mulheres, uma vez que gênero é uma categoria de análise relacional que permite compreender como mulheres e homens recebem funções e atribuições diferenciadas e construídas social e culturalmente. Essas funções e atribuições são constituidoras de sujeitos, e é necessário perceber como elas atuam nas pessoas e na sociedade como um todo, constituindo significados do que é ser mulher ou ser homem e atribuindo espaços de atuação para esses sujeitos. Utilizar esta categoria permite analisar as relações entre as pessoas durante a história, e perceber como essas relações foram produtoras de gênero.⁵ Utilizo neste trabalho o conceito formulado por Joan Scott, a primeira teórica pensar gênero conceitualmente nos estudos históricos⁶, para quem:

O núcleo essencial da definição repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder.⁷

Este conceito é caro para este trabalho, pois auxilia a compreender as experiências

4 PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 187.

5 PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo, v. 24, n. 1, 2005, p. 89. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2014.

6 Ibidem, p. 86.

7 SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, n. 16(2), jul/dez 1990, p. 14.

vividas pelas mulheres que militaram no movimento estudantil, e como afirma Salvatici, “a experiência humana tem sido fragmentada e realidades múltiplas, marcadas significativamente por divisões de gênero”⁸. A militância política – na grande maioria dos espaços – sempre foi tida como uma atribuição masculina⁹, e pensar a atuação de mulheres nesses espaços deve levar em conta esta questão. As mudanças culturais e sociais que ocorreram principalmente durante as décadas de 1960 e 1970, como a segunda onda feminista¹⁰, possibilitaram mudanças sociais e ampliaram os espaços para as mulheres. No entanto, estereótipos e atribuições de gênero continuam a ser mantidos, sendo muitas vezes perceptíveis nas vivências das mulheres que se dispõem a “entrar” no mundo político.¹¹ Além disso, ter um olhar de gênero é também refletir sobre como essas relações desiguais entre homens e mulheres não são naturais ou imutáveis, elas se transformam através da ação dos sujeitos, e por isso mesmo é possível modificar o estado atual da sociedade em que vivemos.

A pesquisa histórica é feita através das fontes, e como encontrar as vivências das mulheres nas fontes? Citando novamente Michelle Perrot:

Assim também – segunda volta da chave – os materiais que esses historiadores utilizam (arquivos diplomáticos ou administrativos, documentos parlamentares, biografias ou publicações periódicas...) são produtos de homens que têm o monopólio do texto e da coisa públicas. Muitas vezes observou-se que a história das classes populares era difícil de ser feita (...) Ora, a exclusão feminina é ainda mais forte. Quantitativamente escasso, o texto feminino é estritamente especificado: livros de cozinha, manuais de pedagogia, contos recreativos ou morais constituem a maioria. Trabalhadora ou ociosa, doente, manifestante, a mulher é observada e descrita pelo homem. Militante, ela tem dificuldade de se fazer ouvir pelos seus camaradas masculinos, que consideram normal serem seus porta-vozes.

8 SALVATICI, Silvia. Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. *História Oral*, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 29-42, jan./jun. 2005, p. 35.

9 Existem diversos estudos muito importantes sobre a utilização de papéis de gênero e estereótipos como estratégia em movimentos que lutaram contra ditaduras militares, como os movimentos de familiares de desaparecidos políticos que utilizam o papel de mãe e cuidadora que procura por seus filhos (as Madres da Plaza de Mayo são o exemplo mais conhecido, mas longe de ser o único). Ver DUARTE, Ana Rita Fonteles. *Jogos da memória: o Movimento Feminino pela Anistia no Ceará (1976-1979)*. Fortaleza: Topbooks/Edições UFC/INESP, 2012. e WOLFF, Cristina Scheibe ; DA SILVA, TAMY AMORIM . *Movidas pelo afeto: três mulheres na resistência à ditadura no Brasil, Paraguai e Bolívia (1954-1989)*. INTERthesis (Florianópolis), v. 10, p. 190-211, 2013.

10 Entendo como “Segunda Onda Feminista” o movimento surgido após a Segunda Guerra Mundial que deu prioridade as lutas contra o patriarcado e pelo direito ao corpo e o prazer. Tendo como uma das palavras de ordem “o pessoal é político”, procurou se diferenciar da Primeira Onda Feminista – que lutou principalmente por direitos políticos, como o direito a votar e ser votada – afirmando que a igualdade entre homens e mulheres passa por mais que a conquista desses direitos. No Brasil esse movimento tem força a partir de 1975, instaurado pela ONU como Ano Internacional da Mulher.

11 Utilizo entrar entre aspas pois não acredito que as mulheres estejam à parte do mundo político, inclusive por acreditar que toda ação e todo espaço é construído também politicamente. No entanto, ainda se tem a ideia de que mundo político seja formado apenas pelos espaços relacionados com as políticas governamentais ou partidárias; é a esse espaço que me refiro quando discuto a entrada das mulheres.

A carência de fontes diretas, ligada a essa mediação perpétua e indiscreta, constitui um tremendo meio de ocultamento. Mulheres enclausuradas, como chegar até vocês?¹²

Para chegar até essas mulheres utilizo da metodologia da história oral e tenho como fonte principal as entrevistas realizadas com mulheres que militaram no movimento estudantil da UFSC no fim da década de 1970. Como minha pesquisa se iniciou pensando a Novembrada, entrevistei mulheres que participaram desse protesto ativamente através do movimento estudantil. A maioria delas não se dizem feministas e nem tiveram militância nessa área,¹³ apesar de em suas falas mostrarem concordância com o assunto e se sensibilizarem pelas questões de direitos das mulheres. Talvez esse ponto auxilie a pensar essas ambiguidades, pois suas falas não foram significadas por essa militância posterior (o que não quer dizer que suas falas não foram resignificadas ao longo do tempo, estou apenas pensando essa questão em específico).

A história oral é imprescindível para esse trabalho, pois é escutando as falas dessas mulheres que busco compreender suas experiências enquanto mulheres e sujeitos do movimento estudantil, suas percepções desse movimento social e os significados dessa militância em suas vidas. Foi através dos movimentos sociais que se iniciaram na década de 1960 que a história oral cresceu, principalmente como uma das possibilidades de se fazer uma história “vista de baixo”, que desse voz aos dominados, às pessoas excluídas da história oficial – entre elas as mulheres.

Dessa maneira, não é difícil explicar como a história oral e a história das mulheres estiveram intimamente ligadas e crescendo juntas. Ambas buscaram inserir novas vozes à História: dos de baixo e excluídos pela história, das mulheres e suas vivências e contribuições pelas historiadoras feministas. Além disso, a história oral forneceu um caminho metodológico que pode ser utilizado por essas feministas.¹⁴

Existe uma extensa discussão sobre as especificidades da história oral, e não cabe aqui me alongar sobre todas as questões teóricas e metodológicas que a envolvem, mas alguns aspectos devem ser por mim abordados. Um desses aspectos, muito discutido e algumas vezes tido como negativo, é a questão da subjetividade envolvida nas fontes orais. Por envolverem a memória das pessoas, memória essa passível de esquecimentos, silêncios e distorções, as

12 PERROT, Michelle. *Os excluídos da história...* op. cit., p. 186.

13 Exceção a Marlene de Fáveri, hoje professora do Departamento de História da UDESC trabalhando questões de gênero e história.

14 SALVATICI, Silvia. *Memórias de gênero...* op. cit., p. 29.

fontes orais seriam, para alguns historiadores, menos “objetivas” e confiáveis que outros tipos de documentos. Creio que isso seja um engano, pois tanto as fontes orais como qualquer tipo de fonte histórica é permeada de subjetividade e intencionalidade; afirmar que a subjetividade é exclusividade das fontes orais é não compreender que qualquer fonte é um “documento monumento”, como afirma Le Goff. Ou seja, toda fonte histórica possui intencionalidade e é resultado de relações de força existentes na sociedade em que foi produzido e não deve ser percebida como uma parte objetiva e imparcial do passado.¹⁵

Portanto, assim como qualquer outra fonte histórica, é preciso ter consciência das subjetividades e intencionalidades existentes nas falas das pessoas entrevistadas. Utilizo o conceito de Portelli para pensar que a subjetividade é o “o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade” e este “constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso”, ou seja, “recordar e contar já é *interpretar*”.¹⁶ A subjetividade, quando se trabalha com história oral de mulheres, está intrinsecamente marcada pelo gênero,¹⁷ e de acordo com Salvatici

a história oral de mulheres não apenas traz de volta à superfície parcelas da experiência histórica feminina, mas também contribui para enfocar os mecanismos de inclusão e exclusão que regem memórias públicas. A história oral de mulheres contribui para destacar a interconexão entre a construção de papéis sociais e os direitos de cidadania nas narrativas coletivas; isso significa que a História Oral de mulheres suscita novas questões na esfera da relação entre história e memória.¹⁸

É impossível trabalhar com fontes orais sem pensar sobre o papel da memória na construção das falas das entrevistadas. De acordo com Henry Rousso a memória “é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional.”¹⁹ Esse aspecto demonstra que a memória é coletiva, mas devemos pensar em o que significa dizer que toda a memória é coletiva. Portelli questiona que a memória é social e compartilhada, porém só se materializa através dos

15 LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1990, p. 462-483.

16 PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996, p. 2.

17 É importante afirmar que toda subjetividade é marcada pelo gênero, não apenas as das mulheres. No entanto, creio que por ainda se ter o homem como ser universal e pelos ainda poucos trabalhos que utilizam a categoria gênero para discutir experiências masculinas, essas questões são mais analisadas em trabalhos de história das mulheres.

18 SALVATICI, Silvia. Memórias de gênero... op. cit., p. 36.

19 ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 94.

discursos individuais, e cada indivíduo possui memórias particulares.²⁰

De acordo com Portelli a memória só se torna coletiva quando abstraída e separada da individual, ou seja, quando é também perpetrada por instituições (Estado, mídia, etc), quando cria mitos; quando quase pode sobreviver sem o individual. Acredito que essa análise cabe para discutir a memória das mulheres no movimento estudantil, uma vez que essas memórias são invisibilizadas e não construíram elas próprias um discurso unificado ou reconhecido. Essas memórias não fazem parte da “Memória do Movimento Estudantil”²¹ nem da memória da resistência à ditadura civil-militar no Brasil. Isso não faz com que essas memórias sejam menos legítimas ou significativas, apenas demonstra as muitas possibilidades da memória nos estudos de história oral.

Elizabeth Jelin, pesquisadora argentina que discute memórias nas ditaduras do Cone Sul, para pensar as questões da memória em períodos de crise e repressão, auxilia bastante em questões da pesquisa que realizo. Segundo ela “abordar la memoria involucra a recuerdos y olvidos, narrativas y actos, silencios y gestos. Hay en juego saberes, pero también hay emociones. Y hay también huecos y fracturas.”²² Para Jelin, as ditaduras e os processos de abertura política ocorridos a partir da década de 1980 fizeram com que diversas memórias emergissem sobre diferentes vivências na ditadura. Isso implicou em uma disputa de memórias, uma vez que as diferentes memórias se confrontavam tanto por possuírem expectativas variadas em relação a projetos políticos como suas intenções de serem os relatos “oficiais”.

Las transiciones en el Cono Sur fueron distintas y singulares, y las memorias de los conflictos sociales previos a la instauración dictatorial, así como la crudeza e inmediatez de las violaciones a los derechos humanos durante las mismas, crearon escenarios para la manifestación de confrontaciones, en el marco de un difícil intento de generar consensos entre los diversos actores políticos.²³

20 P ORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Tosana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (orgs.). *Usos & abusos da história oral...* op. cit., p. 127.

21 Construído em 2004 pela UNE, a Fundação Roberto Marinho, o Museu da República e a Rede Globo, com patrocínio da Petrobras. Tinha por objetivo “resgatar e preservar a história da participação política dos jovens no Brasil” através da formação de um acervo de documentos e depoimentos. Com esse projeto foram realizados dois documentários e o livro de Maria Paula Araújo, “Memórias estudantis”, que utilizo nesse trabalho. Cabe destacar que uma das contribuições desse projeto era tornar o acervo disponível a todos através do site <www.mme.org.br>, no entanto este site não existe mais e não é possível encontrar tal acervo para pesquisa disponível publicamente nem os motivos pelos quais o acervo não está mais acessível. Uma pena, uma vez que se tratava de um projeto financiado por uma empresa estatal e organizado pela UNE, que poderia contribuir com diversos trabalhos sobre o movimento estudantil.

22 JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madri: Siglo veintiuno, 2002, p. 17.

23 Ibidem, p. 47.

Muitas memórias estão em disputa, são lugares de luta e conflito, algumas são mais faladas e valorizadas que outras. Um exemplo evidente para este trabalho é a memória da Novembrada, extremamente forte na cidade, existindo inúmeros trabalhos históricos que discutem aspectos desse episódio e diversas entrevistas com pessoas envolvidas diretamente na manifestação. O papel dos estudantes que foram presos após a manifestação é particularmente forte, sendo seus relatos bastante difundidos. O foco nesse evento acaba muitas vezes invisibilizando outras vivências e outras resistências que ocorreram na cidade mas não tiveram suas memórias tornadas públicas.

É também importante destacar que essas memórias de momentos de crise, como a ditadura brasileira, são marcadas pelo gênero, uma vez que os regimes de exceção afetam de maneira diferente homens e mulheres. As experiências de mulheres são muitas vezes distintas das masculinas, e por isso mesmo podem ser invisibilizadas. Buscar por essas memórias é também procurar transformar o que se entende como a memória desse período. Segundo Jelin

Sin llegar a estos extremos, la crítica de las visioncs dominantes implícita en las nuevas voces puede llevar eventualmente a una transformación del contenido y marco de la memoria social (Leydesdorff, Passerini y Thompson, 1996), en la medida en que puede significar una redefinición de la esfera pública misma, antes que la incorporación (siempre subordinada) de voces no escuchadas en una esfera pública definida de antemano.²⁴

Acredito que esses aportes teórico-metodológicos foram importantes para pensar as experiências de mulheres que militaram no movimento estudantil de fins da década de 1970, e através deles tentei analisar este momento histórico. A segunda metade da década de 1970 é um momento de efervescência dos movimentos sociais, que se aproveitam da abertura do regime para se rearticulares e disputarem novos modelos de país. O movimento estudantil é um desses agentes que se rearticulam. Minhas fontes para realizar essa análise foram principalmente entrevistas com pessoas que militaram no movimento estudantil na Universidade Federal de Santa Catarina. Foram utilizadas oito entrevistas, de acervos distintos e momentos diferentes. Algumas entrevistas já constavam no acervo do Laboratórios de Estudos de Gênero e História, outras três foram realizadas por mim, especialmente para essa pesquisa.²⁵ Também utilizei entrevistas realizadas por outra historiadora, Miriam Wagner, que

24 Ibidem, p. 113.

25 São elas: Thais Lippel, Marize Lippel e Rosângela Souza.

de maneira muito solícita me cedeu suas transcrições.²⁶ Essas entrevistas são as principais fontes para este trabalho, pois é através dessas falas que consigo melhor perceber as vivências das mulheres que participaram do movimento estudantil e também o que esse movimento significou para elas. Além disso utilizo documentação oficial da Universidade Federal de Santa Catarina e reportagens do jornal O Estado, principal jornal catarinense à época.

Cabe aqui ressaltar a importância de outro projeto do qual fiz parte há alguns anos e que foi muito significativo também para a realização dessa pesquisa. Durante os anos de 2009 e 2010 participei, enquanto estagiária em um grupo de 11 graduandos de história, do projeto UFSC 50 Anos, que tinha a finalidade de pesquisar a história da universidade e escrever um livro sobre essas trajetórias em comemoração aos cinquenta anos de criação da UFSC. O trabalho intenso neste projeto analisou diversos documentos da universidade e realizou mais de cem entrevistas, das quais uma eu também utilizei nesse trabalho, além dos Boletins de Pessoal que foram fichados. A experiência nesse projeto foi muito importante para meu crescimento enquanto pesquisadora de história.²⁷

Dessa maneira organizei esta monografia em três capítulos, que pretendem dar um panorama do movimento estudantil e da análise específica da vivência das mulheres nesse contexto. O primeiro capítulo aborda o movimento estudantil no Brasil, e tem por objetivo fazer uma breve análise dos caminhos percorridos pelo movimento estudantil, de modo a compreender como ele se construiu enquanto movimento. Busco analisar também a presença das mulheres nesse movimento e nas universidades ao longo do tempo e o papel da juventude para este tipo específico de militância.

O segundo capítulo discute o contexto específico de Florianópolis no período, pensando como o movimento estudantil se construiu localmente e os impactos da ditadura e da repressão na cidade. Procura também perceber a presença das mulheres e suas possibilidades de atuação no movimento ao longo do tempo.

O terceiro capítulo discute a presença das mulheres no contexto específico do fim da década de 1970 em Florianópolis, pensando também a reestruturação do movimento estudantil. Busca analisar como essas experiências foram significadas e as construções dessas mulheres enquanto sujeitas e militantes do movimento estudantil.

26 WAGNER, Mirian Elisa da Silva Aguiar. *Em cena, as mulheres: a novembrada como lugar de resistências*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, 2003.

27 O livro resultado desse projeto também é importante e muito utilizado por mim ao longo dessa monografia: NECKEL, Roselane; KÜCHLER, Alita Diana (orgs.). *UFSC 50 anos: trajetórias e desafios*. Florianópolis: UFSC, 2010

2. MOVIMENTO ESTUDANTIL NO BRASIL: juventude, resistência e participação das mulheres

*“Sem dúvida os estudantes vivem, e o sabem, num tempo e num espaço originais”*²⁸

A afirmação de Bourdieu e Passeron vai ao encontro de uma questão importante: as especificidades da condição de estudante. A juventude é um conceito essencial para se compreender as estudantes e suas atividades, uma vez que a grande maioria dos estudantes estão na mesma faixa etária e compartilham da ideia de juventude em relação a si próprios. A ideia de que jovens são naturalmente rebeldes, indignados e questionadores da sociedade fez com que a militância nessa fase da vida seja, por um lado legitimada como o momento na vida de se rebelar, e deslegitimada por outro como algo que irá passar com a chegada da vida adulta. Segundo Groppo, a condição juvenil se dá em relação a sociedade:

esta relação é dialética, ou seja, fundada numa contradição entre o movimento da integração/socialização e o movimento da autonomia/criatividade. Dito de outro modo, a condição juvenil é dialética porque está assentada sobre uma relação de contradição entre sociedade e juventudes. Esta contradição se expressa, historicamente, em ações de institucionalização da juventude, seguidas ou precedidas de ações ou resistências dos indivíduos e grupos, que são considerados ou se assumem como jovens.²⁹

Essa contradição está posta em toda a sociedade, porém os jovens a vivem de maneira intensa, uma vez que a juventude é um momento autorizado a se construir enquanto sujeito, e essas construções de identidades e autonomia se chocam com os limites impostos pela sociedade – sejam eles legais, sociais, políticos ou econômicos – e com as disputas pelo poder entre aqueles que buscam entrar no cenário público e as gerações mais velhas que dominam esse espaço. Essas relações de poder existentes deixam mais claras a condição da juventude como uma vivência marcada por um tempo específico, em que não se tem mais os limites impostos pela família na infância, nem as obrigações da vida adulta no mercado de trabalho. Uma contradição que de acordo com Janice Souza, faz do jovem um “elo” necessário entre

28 BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. O tempo e o espaço no mundo estudantil. In: BRITTO, Sulamita de (Org.). *Sociologia da juventude IV: os movimentos juvenis*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968, p.61.

29 GROPPPO, Luís Antonio. Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes. In: SOUSA, Janice Tirelli de; GROPPPO, Luís Antonio (Org.). *Dilemas e contestações das juventudes no Brasil e no mundo*. Florianópolis: UFSC, 2011, p. 19.

passado e presente, fazendo da transitoriedade da vida jovem um importante elemento de constituição desses sujeitos. “juventude, desta forma, é uma relação social que o jovem vivencia.”³⁰

Essa condição transitória do jovem está presente também na condição transitória de estudante.³¹ Se Souza argumenta que “o poder do jovem está na capacidade de potencializar sua condição transitória”³², a condição de estudante duplica essa potencialização. Ser um jovem estudante significa vivenciar de maneira bastante clara essa transitoriedade, uma vez que o tempo escolar e universitário possui um tempo específico para sua conclusão, apesar de variável. A vivência universitária duraria, em média, cinco anos. Este pode ser um dos elementos úteis para se compreender a força e a construção do movimento estudantil ao longo do século XX.

É importante enfatizar que essas análises não buscam uma essencialização do que é ser jovem ou características imutáveis presentes nas juventudes estudantis. Apesar de existirem semelhanças e permanências, cada contexto histórico possui suas especificidades e é necessário analisá-las para uma compreensão do que significou, nesse trabalho, ser jovem, mulher, estudante, militante, no final da década de 70, em Florianópolis. Os apontamentos e hipóteses aqui mencionados buscam dar um embasamento geral para essa análise específica.

2.1 A CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL

O movimento estudantil é um exemplo de militância jovem que construiu ao fim do século XIX e ao longo do século XX no Brasil. Apesar de o marco da institucionalização do movimento estudantil ser a fundação da União Nacional dos Estudantes (UNE), fundada em 1937 ou 1938³³, desde o século XVIII ocorreram manifestações protagonizadas por grupos de

30 SOUSA, Janice Tirelli Ponte. *Reinvenções da utopia: a militância política de jovens nos anos 90*. São Paulo: Hacker Editores, 1999, p. 25-26.

31 Foi com a ascensão da burguesia ao poder, através da Revolução Francesa, que a educação e instrução começaram a ser vistas como essenciais para a formação de indivíduos comprometidos com um ideal de construção da sociedade. É a partir de então que o período estudantil passa a ser um dos principais marcos da cultura jovem.(CARON, 1996. Apud BENEVIDES, 2006). Apesar de não podermos generalizar isso como uma marco da cultura jovem desde o século XVIII no Brasil, a partir do século XX o período estudantil já está bastante consolidado como uma vivência jovem.

32 SOUSA, Janice Tirelli Ponte. *Reinvenções da utopia...* p. 27.

33 Existe uma polêmica acerca da data da fundação da UNE, ou melhor, uma disputa de memória. O livro *O Poder Jovem*, de Artur Poerner se refere a 11 de agosto de 1937, com o I Conselho Nacional de Estudantes sendo instalado solenemente pelo Ministro da Educação como a data de Fundação da UNE. Segundo Irum Sant'Anna, que vivenciou essa época enquanto estudante, a UNE foi fundada em 22 de dezembro de 1938,

estudantes.³⁴ Falando especificamente do movimento estudantil universitário, é preciso pensar também na expansão das faculdades e universidades pelo país para compreender seu crescimento ao longo do século XX. Apesar de a primeira universidade do país ter sido criada em 1920, a maioria dos cursos superiores se dava em forma de faculdades isoladas. É principalmente durante a década de 1950 que as universidades são criadas por todo o país através da reunião dessas faculdades e criação de mais cursos superiores.³⁵

Esse é o primeiro momento de crescimento do número de estudantes universitários no Brasil, e é também o momento de estruturação do movimento estudantil através da recém-criada UNE. O movimento estudantil caminhou junto com as mudanças políticas e sociais do país, e através da sua análise é possível perceber essas mudanças. A participação das mulheres nesse militância existiu desde as primeiras décadas do século passado, e no II Congresso Nacional de Estudantes, em 1938, entre as diversas teses sobre a sociedade e a política brasileira, Leda Boechat, na época estudante de Direito e participante da União Universitária Feminina, apresentou a tese “A Mulher Estudante frente ao Problema do Lar”, que defendeu, entre outros pontos, a instituição do divórcio e o amparo das leis trabalhistas à mulheres.³⁶ Apesar das dificuldades sociais e econômicas, é importante ressaltar a participação das mulheres na universidade desde o início do século e como essa presença é crescente ao longo dos anos.

Nessa época a porcentagem da população brasileira que tinha acesso ao ensino superior era muito pequena, e a presença das mulheres era mais restrita ainda. Os dados do IBGE sobre a presença feminina no ensino superior só se iniciam a partir de 1956, mas é possível perceber através de outras fontes, como o registro de diploma no Ministério da Educação e Saúde, que durante a década de 1940, são pouquíssimas as mulheres que registram seus diplomas, em comparação com os homens.³⁷ Entre as décadas de 1950 e 1970

no II Congresso Nacional de Estudantes (o primeiro tinha sido realizado em 1910) (ARAÚJO, 2007).

34 Enquanto Mendes Junior, no livro *Movimento Estudantil no Brasil* faz da segunda metade do século XVIII o ponto de partida da atuação estudantil; para Poerner, em seu livro *O Poder Jovem*, a primeira manifestação estudantil da história do país foi “a participação de estudantes na luta pela expulsão dos franceses comandados por Duclerc em 1710, no Rio de Janeiro” (POERNER, 1979, p. 48)

35 MARTINS FILHO, João Roberto. O movimento estudantil nos anos 1960. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs.). *Revolução e democracia: 1964-....* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (Coleção As Esquerdas no Brasil, 3), p. 187.

36 SANT'ANNA, Írum. *O garoto que sonhou mudar a humanidade*. Rio de Janeiro: Fundação Dinarco Reis, 2011. Disponível em: <http://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com_content&view=article&id=185:o-pcb-e-a-fundacao-da-une&catid=1:historia-do-pcb>. Acesso em: 12 mar. 2014.

37 Segundo dados do IBGE, em 1947 as mulheres representavam apenas 21% dos diplomas registrados, e quase 80% desses registros de mulheres eram nos ramos de Filosofia, Enfermagem e Odontologia. Fonte: ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL. Outros aspectos da cultura intelectual e artística: registros profissionais. 1947. Disponível em:

houve um crescimento significativo das mulheres nas universidades: em 1956 elas eram 26%, em 1971 chegam a 40%³⁸. Uma questão importante a se ressaltar é que esse aumento no número de universitárias não veio acompanhado pela diversificação dos cursos escolhidos. As mulheres continuavam sendo apenas 3% nas áreas de engenharia e se concentravam em cursos tidos como “femininos”, como é o caso de Enfermagem, Serviço Social, e os cursos que servem a formação para o magistério secundário, como Letras, Biologia, História, Geografia, Ciências Sociais e Pedagogia.³⁹ Isso é um dos sintomas do machismo e das relações de poder, quando apesar das mulheres conseguirem ter acesso às Universidades, o fazem seguindo os papéis de gênero já estabelecidos, como o de que a vocação natural da mulher é ser cuidadora e educadora.

A universidade é um espaço bastante característico, e segundo Souza “era percebida pelos estudantes e pela sociedade como um lugar onde o conhecimento permitia o domínio sobre os acontecimentos”⁴⁰. Essa condição específica trás uma cultura própria, onde laços de amizade, solidariedade e liberdade são construídos. Na universidade todos podiam ser vistos como iguais, uma vez que apenas os “melhores” conseguiam chegar até ali. Essa noção de igualdade entre os pares e a relação entre saber e poder tornava o movimento estudantil forte e importante.⁴¹

Durante os anos entre a criação da UNE e os anos 1960 o movimento estudantil brasileiro foi tomando forma e participou ativamente de diversas campanhas importantes. Desde a campanha pela entrada na Segunda Guerra Mundial contra o nazi-facismo, até a campanha “O Petróleo é Nosso!” e o apoio as reformas de base do governo Jango, o movimento estudantil esteve presente em diversas lutas. No entanto é importante frisar que a história construída do movimento estudantil foi muito bem sucedida em criar o mito de que “Os estudantes sempre estiveram ao lado do povo brasileiro, em todas as suas lutas”⁴², essa construção histórica, que foi sendo criada pelo próprio movimento durante o período de abertura política, e que tem muito respaldo na luta estudantil contra a ditadura militar não

<http://seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/arquivos_download/educacao/1948/educacao1948m_aeb_70.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2014

38 BARROSO, Carmen Lúcia de Melo; MELLO, Guiomar Namó. O acesso da mulher ao ensino superior brasileiro. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 15, dez. 1975, p. 52. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/278.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2014.

39 Ibidem, p. 54.

40 SOUSA, Janice Tirelli Ponte. *Reinvenções da utopia...* p. 36.

41 RIBEIRA NETO Apud SOUSA.

42 ROMAGNOLI; GONÇALVES Apud MARTINS, p. 16.

pode ser colocada como um fato essencializante da mobilização de estudantes. Muitas vezes os interesses estudantis não são os interesses do “povo brasileiro”, uma vez que até mesmo “povo brasileiro” é algo bastante abstrato. Podemos dar o exemplo dos estudantes de Direito na greve de 1917, quando eles se ofereceram para substituir os motorneiros de bonde que estavam em greve.⁴³

A questão é que o movimento estudantil como algo múltiplo, que sempre teve participação e opiniões em lutas diversas da sociedade brasileira. A situação da UNE e do movimento estudantil nos últimos anos mostra isso, com uma crescente deslegitimação da entidade por parte dos estudantes e uma crescente visibilidade de grupos de extrema direita nas universidades, motivos para os jovens se envolverem em outros movimentos sociais. Um dos aspectos possíveis para a perda de mobilização do movimento estudantil atualmente pode ser a sua estrutura verticalizada, de centros acadêmicos, diretórios e uniões estaduais.⁴⁴

Segundo Guilhon Albuquerque (1977a, p. 123), qualquer movimento que quisesse trazer sua mensagem para o seio do movimento estudantil tinha de se engajar “nas estruturas”, ou seja, entrar na engrenagem da luta pelo poder nos diretórios e nos grêmios. A unidade da organização estudantil existia em função das circunstâncias, pois eventuais dissidências não tinham como se solidificar e crescer, uma vez que os novos grupos não eram reconhecidos pela UNE. Qualquer ação do movimento estudantil, política ou não, era, portanto, organizada em moldes mais ou menos partidários, a fim de conquistar a direção de centros, Uniões Estaduais ou da UNE. Ou seja, havia uma estreita relação entre a organização do movimento estudantil e a organização imposta pelos movimentos de ideias que se formaram em seu interior.⁴⁵

2.2. ESTUDANTES E A DITADURA CIVIL-MILITAR: possibilidades de resistência

A década de 1960 foi, no Brasil e no mundo, o grande momento da mobilização jovem e estudantil. Manifestações lideradas por estudantes ocorreram em diversos países, em situações e motivos diferentes, tendo o ano de 1968 como sua data emblemática. Mas para compreender esse movimento no Brasil é preciso entender o contexto social que possibilitou que os estudantes fossem um dos mais importantes setores de contestação na sociedade daquele momento. Os anos 1950 e início de 1960 foram o momento de urbanização e

43 MARTINS FILHO, João Roberto. *Movimento estudantil e ditadura militar: 1964-1968*. Campinas: Papirus, 1987, p. 17. Podemos ver essa questão até os dias de hoje, como o caso do atual DCE da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que comemorou os 45 anos do AI-5 em 13 de dezembro de 2013 como um “importante instrumento no combate aos militantes de extrema-esquerda”.

44 Não cabe aqui discutir os caminhos tomados pelo movimento estudantil nos últimos anos, apesar de ser uma importante pesquisa essa desmobilização que vem ocorrendo no país.

45 SOUSA, Janice Tirelli Ponte. *Reinvenções da utopia...* p. 36.

industrialização aceleradas, da presença política do operariado e da eclosão dos sindicatos e ligas camponesas. A Guerra Fria, a Revolução Cubana e Chinesa, as tentativas de modernização do país com as reformas de base do governo Jango – que colocaram a UNE e a luta pela reforma universitária no palco da política nacional – fizeram com que essa geração de estudantes estivesse extremamente sintonizada com os problemas nacionais, com a questão do desenvolvimento do país e a responsabilidade das elites.

Antes mesmo do golpe de Estado em 1º de abril de 1964⁴⁶ o movimento estudantil já era, então, bastante ativo. Segundo Martins Filho, foi a partir dos anos 1960 que as mobilizações estudantis perderam seu caráter de elite. A campanha pela Reforma Universitária, uma das principais e maiores bandeiras do movimento estudantil, teve força a partir de 1960 buscando democratizar o ensino superior e onstruir uma universidade voltada a resolver os problemas nacionais; Um exemplo disso foi a greve estudantil de 1962, conhecida como Greve do 1/3, pois pressionava o Congresso Nacional a aprovar uma lei que garantisse a representação estudantil em 1/3 nos órgãos de gestão das universidades, apesar de não ter sido vitoriosa, foi um importante momento para o movimento estudantil pois mostrou a capacidade de mobilização dos jovens.

A ditadura civil-militar iniciada em 1964 pretendia “limpar” o movimento estudantil dos subversivos e comunistas, fazendo com que as entidades estudantis (UNE, uniões estaduais, diretórios centrais e outros) fossem organizadas pelos “verdadeiros estudantes”, pouco afeitos à política e sabendo que o dever do estudante é a dedicação aos estudos e ao patriotismo. No entanto, os acontecimentos após o golpe contribuíram para outra situação: o incêndio na sede da UNE, as perseguições políticas, os inquéritos policiais-militares (IPMs) e a censura fizeram com que o novo regime fosse visto como retrógrado; ainda de acordo com Martins Filho, a expressão “terror cultural” teve ampla circulação no meio estudantil. Isso, somado ao fato das tentativas governamentais de extinguir as entidades estudantis⁴⁷ fez com que o movimento estudantil se fortalecesse em torno da bandeira da defesa de suas entidades e da UNE como a voz dos estudantes.

Assim, durante os anos que se seguiram ao golpe, foi o movimento estudantil que mais

46 Escolho utilizar como data do golpe militar pelo dia 1º de abril pois foi nesse dia que o golpe se confirmou e obteve sucesso, e também como oposição aos grupos militares que reafirmam o dia 31 de março como data da “revolução” até os dias de hoje.

47 A lei 4.464, de 9 de novembro de 1964, conhecida como Lei Aragão extinguiu as entidades estudantis de nível nacional e estadual existentes, transformando-as em Diretórios Estaduais e Nacional. Apesar disso os órgão impostos não funcionaram, com os estudantes mantendo a atuação nos antigos órgãos de representação e com a UNE. BRASIL. Lei n. 4.464, de 9 de novembro de 1964. Dispõe sobre os Órgãos de Representação dos estudantes e dá outras providências.

rapidamente se reorganizou e teve força contra a ditadura civil-militar, enquanto outros setores dos movimentos sociais precisaram de mais tempo para se reorganizarem frente a derrota que foi o golpe de Estado. Essa rapidez em se reestruturar pode ser compreendida como uma característica mesma de um movimento de jovens. De acordo com Mendes Junior,

Em outras palavras, é a situação de transitoriedade, de descompromisso relativo com o processo de produção, de ausência de responsabilidade – em grande parte – com o sustento de uma família que faz do estudante um ator político de maior mobilidade, de maior “agilidade”, se quiserem, que pode atuar quando outros segmentos da sociedade, pelos mais variados motivos, estão impedidos de fazê-lo.⁴⁸

1968 foi o auge dessa movimentação, com as milhares de pessoas em passeatas pelo país. Poderia elencar de maneira um pouco simplista o caminho percorrido pelo movimento estudantil durante esse ano, mas como essa não é a temática central deste trabalho creio não ser necessário me alongar tanto nos acontecimentos deste ano tão simbólico para a memória do movimento estudantil e da resistência a ditadura.⁴⁹ O início das manifestações de rua massivas foi a morte do estudante Edson Luis, em 28 de março de 1968, em um embate entre a Polícia Militar e estudantes, que protestavam devido ao aumento do preço da refeição, próximo ao restaurante estudantil Calabouço no Rio de Janeiro.⁵⁰ Edson Luis foi morto por um tiro a queima roupa disparado pelo comandante da tropa da PM. Esse foi o estopim, ou a gota d'água para diversos grupos que vinham reunindo motivos para se opor ao regime militar – que se pretendia uma intervenção curta – fossem às ruas juntamente com os estudantes protestar contra a violências do Estado. Jornalistas, intelectuais, líderes sindicais, artistas e parte do clero se juntaram aos estudantes no velório e enterro do estudante e diversas manifestações de repúdio ao ato aconteceram por todo o país. Estava claro que a ditadura civil-militar não pouparia violência aos estudantes, antes preservados como parte dos setores da elite brasileira, e durante o mês de junho, em outras manifestações estudantis, diversos jovens foram presos e alguns morreram em confrontos com a polícia, fazendo com que as mobilizações por liberdade e fim da ditadura se tornasse a maior manifestação estudantil da década de 1960, a Passeata dos Cem Mil no Rio de Janeiro.

Santa Catarina também sentiu essas mobilizações. Derlei Catarina de Lucca, estudante da Universidade Federal de Santa Catarina e militante estudantil e da Ação Popular,

48 MENDES JUNIOR, Antônio. *Movimento estudantil no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 9.

49 Sobre o ano de 1968 e o movimento estudantil ver MARTINS FILHO, João Roberto. *A rebelião estudantil: 1968 México, França e Brasil*. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

50 28 de março é agora o Dia de Luta do Estudante, em memória ao assassinato de Edson Luis.

argumenta que após a morte de Edson Luís e sua repercussão na mídia o movimento estudantil em Florianópolis também ganhou força por estar no centro da discussão da política brasileira, e as assembleias e atos eram lotados mesmo sem muita propaganda. O principal momento do movimento estudantil foi o Congresso de Ibiúna, que acabará com todos os estudantes presos e fichados. Da delegação de Santa Catarina havia ido 15 estudantes para o Congresso, entre eles três mulheres: Derlei Catarina de Luca, Rosemeiri Cardoso e Gilda Laus.⁵¹ Depois, ao retornarem para Florianópolis, todos esses estudantes foram monitorados pelos órgãos de repressão.

Apesar dessa grande mobilização o ano de 1968 acaba cedo, com o Ato Institucional nº 5, em 13 de dezembro, autorizando o presidente da República, a época Costa e Silva, a: decretar o recesso do Congresso Nacional; intervir nos estados e municípios; cassar mandatos parlamentares; suspender, por dez anos, os direitos políticos de qualquer cidadão; decretar o confisco de bens considerados ilícitos; e suspender a garantia do habeas-corpus. Com o motivo de manter a “revolução” de 1964 em curso se iniciou o momento mais difícil da ditadura brasileira, onde as prisões e as torturas foram ainda mais institucionalizadas, através da criação de centros de investigação clandestinos, como a OBAN⁵² e a morte e desaparecimento de centenas de pessoas.

O AI-5 foi um golpe para os setores da sociedade que vinham se reorganizando e forçavam uma abertura do regime, o movimento estudantil foi um dos setores que mais sofreu com essa repressão, posto que era o mais em evidência em 1968. Em Florianópolis, após o ato ser baixado alguns estudantes foram presos em janeiro, um deles foi Roberto Maciel Cascaes, que relatou na Comissão Estadual da Verdade as torturas que sofreu no DOPS da cidade, segundo Cascaes, havia também um mandado de prisão contra Derlei Catarina de Luca. No entanto, Derlei já estava bastante envolvida na AP e ao saber do AI-5 no dia 13 entrou para a clandestinidade. Em seu livro de memórias esse momento é relatado, quando queima seus documentos e deixa sua casa de estudante:

Parece mentira, naquela agitação toda de 68, ter tempo de escrever diário e poesia. Não perdi a mania até hoje. Apesar dos desencontros da vida. Queimo-os e decididamente queimo parte de mim mesma. Ato que se tornará

51 MULHERES DE IBIÚNA. 152 fotografias das estudantes presas no Congresso de Ibiúna. Disponível em: <<http://www.documentosrevelados.com.br/repressao/as-meninas-de-ibiuna-152-fotografias-das-estudantes-presas-no-congresso-de-ibiuna/>>. Acesso em 12 abr. 2014.

52 Operação Bandeirantes, foi um centro de informações e investigação em São Paulo, financiado por empresários para o combate aos grupos clandestinos de esquerda. Sobre a OBAN ver JOFFILY, Mariana Rangel. *No centro da engrenagem: os interrogatórios na Operação Bandeirante e no DOI de São Paulo (1969-1975)*. Rio de Janeiro/São Paulo: Arquivo Nacional/Edusp, 2012.

uma prática habitual no decorrer dos anos. Mas eu ainda não sabia.⁵³

No contexto nacional a invasão da Universidade de Brasília, a edição do Ato Institucional número 5 e a invasão do Conjunto Residencial da Cidade Universitária da USP (Crusp) marcaram o fim das mobilizações de massa do movimento estudantil. A instauração do AI-5 forçou o movimento estudantil a entrar em clandestinidade, com seus militantes sendo caçados e criminalizados. A UNE entrou em ilegalidade e só a veremos novamente em 1979. O golpe que pretendia sepultar o movimento estudantil foi o Decreto-Lei 477⁵⁴, que proibia a existência de qualquer associação de estudantes ou professores e estabelecia como pena a expulsão da universidade a quem o infringisse.

Nos anos após o AI-5 o movimento estudantil perdeu bastante força com a imobilização sofrida pelo recrudescimento da repressão, e muitos de seus militantes se voltam para a luta armada.⁵⁵ Mas isso não significou que, da maneira que era possível, estudantes se mobilizaram por diversas questões, principalmente sobre questões internas do meio universitário. De acordo com Maria Paula Araujo, no livro *Memórias Estudantis*, uma maneira de driblar a repressão era realizar atividades culturais. Nesse período foi criado, na USP o Grupo de Teatro da Politécnica, que entre várias peças montou a *Transa-Amazonica*, uma sátira à construção da rodovia transamazônica, uma das obras “faraônicas” do governo Médici.⁵⁶ Na Universidade Federal de Santa Catarina temos o exemplo da militância estudantil em prol da construção do Hospital Universitário e por melhorias no Restaurante Universitário.⁵⁷ É importante frisar isso para mostrar que apesar das enormes dificuldades de se expressar nesse momento, muitos estudantes continuaram a fazê-la das maneiras que eram possíveis. E foram essas atitudes que possibilitaram um ressurgimento do movimento

53 DE LUCA, Derlei Catarina. *No corpo e na alma*. Criciúma: Ed. Do autor, 2002, p. 28.

54 “Art 1o Comete infração disciplinar o professor, aluno, funcionário ou empregado de estabelecimento de ensino público ou particular que: I - Alicie ou incite à deflagração de movimento que tenha por finalidade a paralisação de atividade escolar ou participe nesse movimento; II - Atente contra pessoas ou bens tanto em prédio ou instalações, de qualquer natureza, dentro de estabelecimentos de ensino, como fora dêle; (...) § 1o As infrações definidas neste artigo serão punidas: II - Se se tratar de aluno, com a pena de desligamento, e a proibição de se matricular em qualquer outro, estabelecimento de ensino pelo prazo de três (3) anos.”

55 Cabe frisar que, apesar do crescimento dos grupos de luta armada após o fechamento das possibilidades de atuação política legais resultado do AI-5, muitos desses grupos já existiam antes disso, sendo a via armada uma opção pensada por grupos de esquerda desde 1962 no Brasil. Sobre a luta armada no Brasil ver ROLLEMBERG, Denise. *Esquerdas revolucionárias e luta armada*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília (Orgs.). *O Brasil republicano: o tempo da ditadura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

56 ARAUJO, Maria Paula. *Memórias estudantis: da fundação da UNE aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fundação Roberto Marinho, 2007, p. 201.

57 SOUZA, Kenia. A UFSC sob o regime militar: do Centro de Estudos Básicos aos movimentos estudantis. In: NECKEL, Roselane; KÜCHLER, Alita Diana (Orgs.). *UFSC 50 anos: trajetórias e desafios*. Florianópolis: UFSC, 2010, p. 49-52.

estudantil a partir da *distenção política*⁵⁸ iniciada em 1974.

A segunda metade da década de 1970 assistiu ao início de uma abertura política no Brasil, pensada pelos militares como lenta, gradual e segura, e capitaneada através do projeto Geisel-Golbery. Vários são os fatores que contribuíram para esse movimento de redemocratização do país, alguns ligados a situações internacionais, como a virada na política externa dos Estados Unidos após a eleição de Jimmy Carter como presidente, que buscou recuperar seu prestígio através da defesa dos direitos humanos, iniciando um período de crítica aos regimes militares latino-americanos que antes eram aliados. A recessão da economia mundial também é outro fator externo, as crises econômicas que se iniciaram com a do petróleo, em 1973, e tomaram grandes proporções com a crise dos juros externos em 1982 atingiram profundamente a economia brasileira e mostraram que o Milagre Brasileiro, baseado na repressão sindical e política e no arrocho salarial, estava esgotado e não conseguia mais ter a aceitação dos tempos de crescimento econômico brasileiro.⁵⁹

No entanto, foram os atores internos os principais agentes que deram as características da redemocratização brasileira, e os movimentos sociais extremamente importantes nesse processo.⁶⁰ De acordo com Araújo, esse é um momento de “resistência e luta democrática”, onde as esquerdas brasileiras se percebem em uma conjuntura de resistência, buscando também uma plataforma de luta pelas liberdades democráticas e alianças com setores mais moderados da oposição. Essa escolha de se unir em uma frente de oposição mais ampla pode ser visto como uma resposta das esquerdas ao isolamento e fracasso da luta armada.⁶¹ Alguns grupos de esquerda tiveram uma postura de resistência a essas mudanças, pois viam a luta pela democracia como “reformismo” e viam com desconfiança a democracia “liberal burguesa”. Mas, segundo Araújo, essa era uma possibilidade que se encaixava com a nova juventude do país:

esse novo direcionamento tático vinha ao encontro do anseio de uma geração

58 O projeto de distenção visava uma abertura “lenta, gradual e segura” que levasse o país novamente a Estado de direito, e ao mesmo tempo excluísse os setores mais radicais da esquerda e dos movimentos sociais.

59 Há historiadores que defendem que foi o Milagre Econômico durante o governo Médici que favoreceu o projeto de abertura dos militares, e que a crise econômica foi responsável por ditar o ritmo dessa abertura, fazendo com que a insatisfação da sociedade civil tivesse mais força de decisão. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). *O Brasil Republicano...*

60 Como os principais movimento sociais presentes nesse embate podemos enumerar o MDB (Movimento Democrático Brasileiro), o movimento estudantil, a Igreja católica, a imprensa alternativa, movimento de “minorias políticas” (mulheres, negros, homossexuais), movimentos de bairros e favelas e profissionais liberais.

61 ARAUJO, Ana Paula. Lutas democráticas contra a ditadura. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs.) *Revolução e democracia...*, p. 323-324.

mais nova, formada politicamente após o AI-5 e já não mais marcada pelo *ethos* do enfrentamento e da radicalidade de 1968. Essa geração, a geração de 1970, era informada política e simbolicamente por um outro *ethos*: a luta pelos direitos humanos, contra o arbítrio e contra o autoritarismo. Havia crescido no regime militar, conhecia a censura, as prisões arbitrárias, a cassação política de professores e estudantes, sabia da existência de tortura e desejava ardentemente lutar contra isso. A nova tática fornecia essa possibilidade.⁶²

O movimento estudantil foi um importante ator nesse momento de lutas democráticas, e aproveitou essa conjuntura política para lutar também pelo restabelecimento da legitimidade e legalidade do próprio movimento. Nesse momento a Universidade era um espaço bastante diferente de 1968, as entidades estudantis estavam proibidas a cinco anos, e ao mesmo tempo o governo militar investiu na abertura de novos cursos superiores e faculdades privadas, fazendo com que o número de estudantes estivesse muito maior e diversificado socialmente que na década anterior. Essa é uma questão que marcará também a presença das mulheres nas universidades.

2.3 MOVIMENTOS FEMINISTAS E NOVOS ATORES SOCIAIS

As experiências de esquerdas clandestinas e armadas, assim como o movimento estudantil, a partir da década de 1960, marcará um espaço de atuação política para as mulheres bastante grande, e é a partir desse momento que se percebe uma grande participação das mulheres nesses espaços. Cristina Scheibe Wolff, em suas pesquisas sobre a gênero e mulheres nas lutas de resistência do Cone Sul afirma que a maior parte das mulheres ativistas de esquerda entraram para esses grupos a partir do movimento estudantil, e que “cursos como Ciências Sociais, História, Filosofia, Letras e Psicologia eram aceitos como viáveis para as mulheres e, por outro lado, pelo cunho político de sua discussão disciplinar, eram muitas vezes focos de recrutamento para o movimento estudantil”⁶³ A grande presença das mulheres na luta armada e outros grupos clandestinos de esquerda e a segunda-onda do feminismo que se fortalecia no país principalmente a partir de 1975 fez com que essa militância nos grupos de esquerda fosse pensada e resignificada pelas próprias militantes que se envolveram, depois

62 Ibidem, p. 332.

63 WOLFF, Cristina Scheibe. O gênero da esquerda em tempos de ditadura. In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe (orgs.). *Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul...* op. cit., p. 146.

ou concomitantemente, com o movimento feminista.⁶⁴

A instituição do ano de 1975 como o ano da mulher, pela ONU, alavancou o movimento feminista brasileiro. O movimento feminista pode ser visto dentro do grupo de minorias políticas, novos atores sociais que surgem no cenário político brasileiro e sintonia com o cenário internacional, principalmente Estados Unidos e Europa. Essa “novidade” mexeu muito com a esquerda tradicional, de acordo com Araújo:

os grupos, partidos e organizações de esquerda no Brasil eram fortemente marcados pelo leninismo e por uma visão “dura” de política. Os novos ventos trazidos pelo cenário internacional que apregoavam formas específicas e distintas de opressão e exploração – machista, homofóbica e racista – não eram aceitos com facilidade por essa esquerda. A denúncia da opressão feminina, da opressão dos negros e dos homossexuais era vista como secundária, subordinada à luta geral contra a ditadura e pelo socialismo. No entanto, esses movimentos acabaram por se impor e tiveram mesmo um papel importante na luta pela redemocratização.⁶⁵

Essa dificuldade de aceitação de outros movimentos e outras opressões - que não apenas a revolução, que não apenas a luta de classes – foi muito forte na esquerda brasileira, e até hoje se faz sentir em discursos velados. No entanto, é importante destacar que o movimento feminista no Brasil foi gerenciado dentro de grupos de esquerda, por mulheres que militavam nesses grupos e muitas vezes continuaram com essa dupla militância. Foi no contexto de ditadura que os movimentos feministas e de mulheres⁶⁶ se tornavam também uma possibilidade de resistência, e o principal exemplo disso pode ser visto no Movimento Feminino pela Anistia (MFA), grupo de direitos humanos criado em 1975 sob a liderança de Therezinha Zerbini⁶⁷, formado por mulheres que lutavam pela anistia aos presos e presas

64 Existe uma rica bibliografia, além de depoimentos pessoais, que analisa gênero, feminismos e ditadura, e um dos principais centros de pesquisa sobre esse tema é o Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH) do qual tenho muita alegria em fazer parte. Para uma discussão específica sobre a feminismo, gênero e luta armada ver WOLFF, Cristina Scheibe. *Feminismo e configurações de gênero na guerrilha: perspectivas comparativas no Cone Sul 1968-1985*. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, n. 54, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n54/a03v2754.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2014.

65 ARAUJO, Ana Paula. Lutas democráticas contra a ditadura. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs.). *Revolução e democracia...*, p. 342.

66 Compartilho da ideia de Joana Maria Pedro para os significados do que são movimentos feministas ou de mulheres, compreendendo como movimento feminista as lutas que reconhecem as mulheres como específica e sistematicamente oprimidas, e que acreditam que as relações entre mulheres e homens não são produtos da natureza, podendo, dessa forma, serem modificadas. Entendo como movimento de mulheres movimentos que não reivindicam direitos específicos das mulheres, mas, no entanto, são compostos majoritariamente ou exclusivamente por mulheres. PEDRO, Joana Maria. *Narrativas do feminismo em países do Cone Sul (1960-1980)*. In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe (orgs.). *Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul...* p. 116.

67 Theresinha Godoy Zerbini, advogada e esposa do General Euryale de Jesus Zerbini, que foi cassado pelo Exército em 1964. Decidiu entrar na luta pela anistia ao ver seu marido sendo preso e punido por colegas de farda.

políticos e retorno das pessoas exiladas. O MFA foi um dos primeiros grupos público e oficial de questionamento ao regime militar.

2.4 REESTRUTURAÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL

Nesse momento o movimento estudantil passou por uma revitalização e reestruturação. Após anos de suas entidades fechadas e as possibilidades políticas restritas, os estudantes viveram nesse momento uma atuação em duas frentes principais: a reconstrução de suas entidades e a frente de luta pelas liberdades democráticas. Dessa maneira buscando participar tanto das lutas gerais do país como de se organizar enquanto um movimento social com respaldo, organizando novamente tanto a UNE como os diretórios e centros acadêmicos. Essa atuação se deu, dentro do movimento estudantil, através das chamadas *tendências políticas*, que eram grupos de estudantes organizados com laços bastante fortes com os partidos e grupos políticos de esquerda, que ainda eram clandestinos; Araujo definiu as tendências como a expressão legal das esquerdas clandestinas dentro das universidades.⁶⁸ Muitos estudantes encontraram nas tendências um apoio e confirmação de seus ideias políticos, e assim o movimento estudantil acabava por conhecer e fazer parte dos debates sobre conjuntura e tática existentes no interior das esquerdas brasileiras. As principais tendências políticas do movimento estudantil foram *Unidade*, ligada ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), *Refazendo*, ligada aos grupos Ação Popular Marxista Leninista (APML) e ao Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8), *Caminhando*, tendência ligada ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e *Liberdade e Luta*, conhecida como Libelu e ligada aos grupos trotiskistas novos no país.⁶⁹ Em Santa Catarina os principais grupos políticos atuantes durante a década de 1970 eram o PCB, a Libelu e o PCdoB. A Ação Popular já havia perdido a força que tinha no movimento estudantil de Florianópolis na década de 1960.

Não encontrei um trabalho que tratasse especificamente da participação das mulheres no movimento estudantil brasileiro, mas o contato com as entrevistas com mulheres militantes no acervo do LEGH permite antever a importância que o movimento estudantil possui como porta de entrada para o mundo político em todo o Cone Sul. Uma pesquisa sobre isso ainda

68 ARAUJO apud LANGLAND, Victoria. *Speaking of Flowers: student movements and the making and remembering of 1968 in military Brazil*. Durham and London: Duke University Press, 2013, p. 219.

69 Idem.

está por ser feita, mas o papel da militância estudantil aparece em diversas entrevistas. Olivia Joffily ao relembrar do início de sua militância:

Quando chegou em 68, quando começaram aquelas grandes manifestações estudantis, eu ainda era secundarista (...). Eu ia por minha conta própria. Inclusive algumas vezes eu tive que eu fugir de casa, porque meu pai trancava a porta com medo de eu ir. E eu fugi e fui assim mesmo, porque eu achava que tinha que estar lá, para mim era uma coisa muito importante.⁷⁰

Foi nesse contexto de mobilização crescente e intensa que surgiram novas oportunidades para as mulheres no movimento estudantil. Apesar de elas terem estado presentes no movimento estudantil desde que conquistaram o direito ao ensino superior⁷¹, a inserção e a vivência no movimento estudantil para elas sempre teve dificuldades específicas e raramente chegavam a algum posto de liderança. A política sempre foi vista algo público e masculino, e como às mulheres foi designado o espaço do privado, sua participação em espaços de militância política sempre foi dificultada, de formas claras ou dissimuladas. Os atributos de um bom militante são associados com o masculino, a virilidade, ele deve ter o domínio do discurso, saber se impor, falar alto, conquistar e liderar os outros estudantes. Tanto que os grandes “heróis”, as pessoas que foram exemplo de militância no movimento estudantil, são homens, são principalmente eles que estão nos livros comemorativos, nos documentários, nos memoriais da UNE: Vladimir Palmeira, Luis Travassos, Honestino Guimarães e outros, invisibilizando, assim a atuação de tantas mulheres que sempre participaram do movimento estudantil, mas foram, e muitas vezes também se viram, como secundárias em relação aos seus companheiros homens.

Langland, em seu livro sobre a memória do movimento estudantil mostra que as poucas mulheres que conseguiram chegar a postos de liderança também precisaram lidar com o preconceito devido ao fato de serem mulheres. Uma das mulheres citadas em seu livro possui uma história interessante para mostrar algumas possibilidades de liderança para as mulheres:

Maria Graça Berman, uma estudante da PUC de São Paulo em 1975, lembra de ir a assembleias debater sobre uma taxa de aumento proposta. Enquanto

70 JOFFILY, Olivia Rangel. Entrevista concedida a Joana Maria Pedro, Joana V. Borges e Sérgio S. Júnior. Florianópolis, 07 maio 2009. Acervo LEGH.

71 D. Pedro II aprovou uma lei em 19 de abril de 1879 que autorizava a presença de mulheres nos cursos superiores. Apesar disso o fim do século XIX e início do XX as mulheres ainda serão presença rara no ensino superior brasileiro, tendo que superar muitas barreiras sociais para se formarem. QUEIROZ, Delcele Mascarenhas. Mulheres no ensino superior no Brasil. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPed, 23., 2000, Caxambu. *Anais...* Disponível em: <www.23reuniao.anped.org.br/textos/0301t.PDF>. Acesso em: 23 maio 2014.

estudante do primeiro ano da Faculdade de Filosofia e Letras, dominada por mulheres, ela diz, “Eu atraía atenção de todos os grupos clandestino que tinham tendências no movimento estudantil. Todos queriam me ganhar.” Ainda assim, ao mesmo tempo as estudantes eram consideradas ainda mais alienadas politicamente que seus colegas estudantes. Berman descreve a Faculdade de Letras como um lugar onde “só tinha mulher, e as mulheres eram realmente alienadas ali, elas realmente eram,” embora ela adicione que toda a sua geração era alienada. No entanto, quando alguns dos colegas de Berman quiseram simplificar a mensagem política deles antes de apresentar as suas supostas colegas alienadas, aquele gesto a deixou furiosa. Formando uma chapa só de mulheres para concorrer às eleições de seu DA, ela fez campanha dizendo a suas colegas, “Eles pensam que nós somos um monte de tolas, ao longo do tempo, (...) e que nós não nos importamos com a sociedade brasileira”. De acordo com ela, a estratégia funcionou e sua chapa venceu as eleições. [tradução minha]⁷²

Essa complexidade existente em Maria Graça é interessante, pois demonstra que as vivências não possuem apenas um lado. Compartilho da análise de Langland de que “Mulheres como Berman tanto refletiram como questionaram a ideia de que as estudantes era desinteressadas em política, e foram elas que contribuíram para mobilizar outras estudantes durante a década de 1970”⁷³ No final da década de 1970 essas barreiras estavam um pouco menores, tanto por ser um momento de reconstrução do movimento estudantil, onde se buscava mobilizar o máximo de estudantes, quanto pelas mudanças culturais que vinham ocorrendo nessa década devido aos movimentos feministas e pela crescente inserção das mulheres nas universidades. Se em 1971 elas já eram 40% das estudantes universitárias, nos anos 1980 elas superaram os homens em número de matriculadas no ensino superior.⁷⁴ Ao se inserirem no movimento estudantil, essas estudantes acabaram por demonstrar essa contradição existente entre a participação delas enquanto militantes e a dificuldade de igualdade em relação aos militantes estudantis homens.

72 LANGLAND, Victoria. *Speaking of Flowers: student movements and the making and remembering of 1968 in military Brazil*. Durham and London: Duke University Press, 2013, p. 222.

73 Idem.

74 Idem.

3. ESTUDANTES EM FLORIANÓPOLIS: dinâmicas regionais

Pensar o movimento estudantil em Florianópolis tem suas especificidades. O estado de Santa Catarina ainda hoje é visto como secundário em sua importância para o contexto nacional, fazendo com que muitas vezes estudar sua História não seja visto como exemplificável para compreender a conjuntura nacional. Martins Filho, em sua pesquisa sobre o movimento estudantil na década de 1960 escreveu sobre a atuação dos estudantes após o golpe de Estado: “Fora do eixo Rio-São Paulo, as mobilizações em capitais como Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador, Recife e na própria Brasília não tinham uma dinâmica própria, raramente criando acontecimentos de repercussão nacional.”⁷⁵ Como então pensar o movimento estudantil em uma cidade ainda menor, uma capital com ares de interior? E além disso, qual seu valor para a compreensão histórica?

Como já argumentei na Introdução desse trabalho sobre a escolha de fazer História das Mulheres (algo que também pode ser considerado sem muito valor para um contexto geral), creio que todas as realidades mereçam análises históricas. Primeiro porque essa realidade foi vivida e significada por milhares de pessoas que a viveram. Segundo porque não acredito que a história seja feita apenas de repercussões e contextos nacionais. Será que a força e impacto estudantil não esteve também em sua capacidade, enquanto movimento, de circular por todos os estudantes brasileiros, e não apenas nos das grandes capitais? O movimento estudantil é capaz de demonstrar as dinâmicas regionais para além do eixo Rio-São Paulo, como as ideias, pessoas, e grupos políticos circulavam e como o movimento mesmo foi capaz de construir lideranças importantes no cenário político de Santa Catarina ainda hoje presentes na política estadual.

Florianópolis, antiga Desterro, é uma capital incomum, que ainda hoje muitas vezes precisa justificar seu posto de capital do estado. Durante a primeira metade do século XX Florianópolis viveu uma estagnação econômica, uma vez que o transporte marítimo e o comércio exportador, bastante importantes para a economia da cidade durante o século XIX estavam desaparecendo. Sua economia passa, principalmente até a década de 1970, a ser apoiada na função administrativa enquanto capital de Santa Catarina, ou seja, a maioria dos trabalhadores eram funcionários públicos. Durante a década de 1950 e 1960 a cidade

75 MARTINS FILHO, João Roberto. O movimento estudantil nos anos 1960. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs.). *Revolução e democracia...* op. cit., p. 191.

mantinha os traços de interior, com uma pequena área urbana em volta da praça XV de Novembro – principal praça da cidade – e ruas estreitas e coloniais.⁷⁶

Apesar disso, Florianópolis também sentiu as mudanças materiais e simbólicas que ocorreram em todo o país no pós-guerra, com os processos de redemocratização e industrialização baseados nos preceitos do nacional-desenvolvimentismo. Esse processo de pensar um futuro diferente, com novos projetos de cidade que foram disputados pelas elites locais é muito bem trabalhado na tese de Reinaldo Lohn, que mostra o desenvolvimento da cidade ao longo dessas décadas, as disputas e imaginários de futuro para mesma e a construção da vocação turística da cidade.⁷⁷ Durante os anos de 1950 e 1960 as novas construções e postos de trabalho eram possíveis apenas através da atuação do poder público, com a instalação de órgãos estaduais e federais na cidade.⁷⁸ Desses empreendimentos, a Universidade Federal de Santa Catarina foi um dos principais.

A primeira iniciativa de ensino superior no estado foi a criação do Instituto Polytechnico. Fundado em 1917, oferecia os cursos de Farmácia, Odontologia, Comércio, Agrimensura e Engenharia Geográfica e esteve com suas portas abertas até o ano de 1935. O instituto funcionou com muitas dificuldades, principalmente de ordem financeira, uma vez que tanto sua receita própria quanto os recursos governamentais estaduais e federais não davam conta dos gastos de manter uma instituição como essa. Essa experiência foi importante pois constitui em uma possibilidade de aglutinar a elite intelectual da cidade e oferecer curso superior aos estudantes que não tinham condições de se deslocar para outro estado, sendo assim importantes para as camadas médias catarinenses. São poucos os dados sobre os estudantes, mas em algumas nuances é possível perceber a atuação deles, de forma mais ou menos organizada.⁷⁹

O Instituto se manteve com muitas dificuldades, além do problema de se adaptar às novas regulações nacionais do ensino superior, em 1932 começaram a aparecer diversas notícias acerca de irregularidades. Uma delas foi a suspeita de diplomas falsificados, que depois constatou-se o envolvimento de professores e funcionários do Instituto. Isso provocou uma crise, e os estudantes elaboraram uma nota oficial se posicionando contra a venda dos

76 LOHN, Reinaldo Lindolfo. *Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana (Florianópolis 1950 a 1970)*. 2002. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

77 Idem.

78 FACCIO, 1997 apud LOHN, Reinaldo Lindolfo. *Pontes para o futuro...* op. cit., p. 29.

79 VIEIRA, Amazile de Hollanda. O Instituto Polytechnico de Florianópolis. *Revista Ciências Humanas*. Florianópolis, v. 2, n. 4, 1983.

diplomas falsos. Percebo aí a atuação dos estudantes organizados. Além disso, os estudantes possuíam um jornal, chamado “Folha Acadêmica órgão dos alumnos do Instituto Polytechnico de Florianópolis” que circulou durante os anos de 1923 e 1924, e voltou a circular em 1929, agora enquanto órgão do Centro Acadêmico Dr. José Boiteux. Sua mudança não foi só de nome, pois primeiramente trazia informações sobre os cursos do Instituto e notícias relacionadas àquelas profissões e depois percebe-se uma maior articulação dos estudantes, enquanto grupo que se propõe a representar a juventude catarinense. Outra questão que cabe ressaltar é que havia mulheres entre os estudantes do Instituto Polytechnico, principalmente no curso de Odontologia.⁸⁰

Estudantes, enquanto agentes históricos que se mobilizam em torno de demandas, de cunho político nacional ou questões internas acadêmicas, estiveram presentes desde as primeiras instituições de ensino superior. Isso não significa que essa atuação ficará marcada como fazendo parte da história do movimento estudantil. Serenito Moretti, em seu livro sobre a história do movimento estudantil em Santa Catarina⁸¹, por exemplo, coloca como marco inicial do movimento estudantil universitário a criação da Faculdade de Direito.

A Faculdade de Direito nasceu dos esforços de magistrados da ilha em construir novamente um centro intelectual que fosse ao encontro dos anseios profissionais das classes altas da cidade. Algo que se diferenciava do Instituto Polytechnico, pois esse não oferecia os principais cursos superiores tradicionais: medicina, direito e engenharia civil. Dessa maneira, em 11 de fevereiro de 1932 começou a funcionar em Florianópolis a primeira faculdade de direito, fruto dos esforços principalmente de José Boiteux, Henrique Fontes e Américo Silva. Segundo livros de memória, a faculdade agitou a vida social da capital, sendo que muitas pessoas iam à faculdade para ver os concursos para professores.⁸² A primeira turma teve 23 alunos matriculados, e no dia 2 de setembro foi fundado o Centro Acadêmico XI de Fevereiro (CAXIF), com a presença de 14 estudantes.⁸³ Os primeiros anos da Centro Acadêmico não foram muito produtivos, também por motivos da Faculdade ela própria ter dificuldades de se manter.

A partir da década de 1940 é possível ver uma maior movimentação dos estudantes na cidade. Isso também acontece porque outras faculdades surgem, como o Curso Superior de

80 Ibidem, p. 63.

81 Este é o único trabalho que conheço que se pretende resgatar a memória do movimento estudantil desde seu início.

82 BARBOSA apud BACKES, Glauco de Souza. O curso de Direito e o Centro de Ciências Jurídicas: histórias e percepções. In: NECKEL, Roselane; KÜCHLER, Alita Diana (orgs.). *UFSC 50 anos...* op. cit., p. 145.

83 MORETTI, Serenito A. *Movimento estudantil em Santa Catarina*. Florianópolis: 1984, p. 41

Administração e Finanças, criado em 1942 e posteriormente transformado na Faculdade de Ciências Econômicas. Com mais estudantes na cidade as interações ficam facilitadas, e além disso esse período foi de fomentação do movimento estudantil nacionalmente, com as campanhas contra o Nazi-Facismo e o Eixo na Segunda Guerra Mundial. Entre algumas realizações do movimento estudantil estava a elaboração do primeiro jornal do CAXIF, o “folha acadêmica”, editado em 1943 e em que se se lia sobre os 11 anos de funcionamento e gerência do Centro Acadêmico:

umas, porque dirigidas por espíritos decididos, afeitos à renúncia e ao sacrifício, deixaram pegadas indelévels de brilhantismo e realizações! Das outras, das que se deixaram vencer, das que tentaram contornar obstáculos, apenas restam, nos arquivos empoeirados, duas ou três atas, cheias de nomes... que ninguém mais lembra!⁸⁴

É nesse mesmo período que o CAXIF trocou correspondências com a UNE, discutindo sobre taxas existentes na Faculdade, citando o Decreto-Lei n. 8.029, que isentava de imposto do selo os estabelecimentos de ensino superior. Essas articulações visavam estruturar o movimento estudantil, fazendo com que os estudantes tivessem seus direitos resguardados.

3.1 EM BUSCA DAS MULHERES: a caso da Rainha dos Estudantes e de Eglê Malheiros

As mulheres estavam presentes entre os estudantes também nessa época, apesar de que são poucos os registros sobre suas participações. Podemos encontrá-las nas entrelinhas dos discursos sobre essa época no movimento estudantil. O curso de direito, por exemplo, foi durante muitos anos um curso majoritariamente masculino, ao contrário de outras carreiras como pedagogia, letras e enfermagem. Por isso é mais difícil perceber a atuação das mulheres enquanto estudantes nesse período, pois elas eram a minoria num espaço dominado por homens – cabe lembrar que os professores também eram todos homens. Ao buscar por essas mulheres “invisíveis”, qualquer vestígio se torna importante. Foi assim que duas histórias desse primeiro momento do movimento estudantil catarinense chamaram-me atenção.

A primeira delas foi o concurso da “Rainha dos Estudantes”, realizado já antes da criação da Faculdade de Direito, apenas entre os estudantes do então chamado ginásial. A partir de 1943, com a nova diretoria do CAXIF, o concurso passou a ser realizado pelo

⁸⁴ FOLHA ACADÊMICA, a. 1, n. 1, 10 nov. 1943. Apud MORETTI, Serenito A. *Movimento estudantil em Santa Catarina...* op. cit., p. 43.

próprio Centro Acadêmico, e envolveu toda a cidade. Uma carta, datada de 1945 e com a intenção de ser um texto mandado aos jornais da cidade, tem as informações necessárias para como ocorrerá o concurso. As candidatas deveriam ser brasileiras, acima de 17 anos na data da apuração final do concurso, e estarem regularmente matriculadas em curso secundário ou superior.⁸⁵ Segue um trecho desse documento em que explica o motivo do concurso:

'Tudo se conjuga em fazer de Florianópolis – escreveu o saudoso Professor Gil Costa – uma cidade ideal para os estudantes.'

'Florianópolis possui cenários indescritíveis, praias e montanhas, recantos que são um convite constante à natureza, que, de tão pródiga, faz da ilha em que Florianópolis se engastou, uma das jóias mais preciosas da criação do Brasil meridional.

Os arredores da cidade, quer na ilha, quer no continente, que a mais atrevida das pontes une e movimenta, são um estímulo para a vida ao ar livre, um descanso para os olhos para os afazeres escolares.'

A pena privilegiada do insigne mestre, cuja emoção vibrou ante as maravilhas de nossa terra, escapou, porém, na relação dos encantos de Florianópolis, um pormenor dos mais importantes para o espírito irrequieto do estudante – a beleza de suas mulheres.

O Centro Acadêmico XI de Fevereiro, na intenção de homenagear as estudantes catarinenses, expressões magníficas da nossa juventude feminina, promoverá, mais uma vez a realização do concurso para 'Rainha dos Estudantes'.⁸⁶

Percebo neste trecho várias questões relacionadas ao gênero, e é possível compreender qual o papel esperado das estudantes. Florianópolis seria uma cidade com uma beleza natural indescritível, o que a faz “ideal para os estudantes”, uma vez que seria “um descanso para os olhos” e “para os afazeres escolares”. Mas um desses “encantos” não estaria na fala do professor, que se focou nas questões geográficas da cidade, esse encanto “dos mais importantes para o espírito irrequieto do estudante” seria a beleza das mulheres da cidade. Concursos de beleza eram muito comuns para as estudantes desse período por todo o Brasil, o que permite antever isso como umas das possibilidades de socialização e prestígio para as jovens estudantes. O CAXIF pretende “homenagear as estudantes catarinenses”, no entanto, essa homenagem se dá pela beleza, e não outros atributos que seriam mais importantes e úteis para uma estudante. Na cidade de Criciúma, por exemplo, o concurso que ocorreu em 1963 se chamava a “Mais Bela e Culta Estudante de Criciúma”.⁸⁷

85 FACULDADE DE DIREITO DE SANTA CATARINA. Concurso para 'rainha dos estudantes de 1945'. Florianópolis, 1945. Texto para publicação em Jornais. Arquivo do CCJ. Apud BACKES, Glauco de Souza. O curso de Direito e o Centro de Ciências Jurídicas: histórias e percepções. In: NECKEL, Roselane; KÜCHLER, Alita Diana (orgs.). *UFSC 50 anos...* op. cit., p. 153.

86 Idem.

87 VITALI, Marli Paulina. Uma voz feminina silenciada no movimento estudantil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10, 2013, Florianópolis. *Anais eletrônicos...* Florianópolis: IEG,

Apesar de estarem inseridas no ensino superior, a principal contribuição das mulheres continuava a ser embelezar a visão dos homens. Ainda mais os estudantes, que por sua juventude naturalizam esse “espírito irrequieto”, uma leitura que hoje em dia é travestida de cientificidade com a ideia de “hormônios a flor da pele”. É importante analisar estas questões, pois percebe-se que apesar de conseguirem transpor barreiras e cursarem o ensino superior, outras barreiras, geralmente de cunho cultural, continuam a existir. No entanto, isso não significa apenas uma submissão. Como já foi afirmado na introdução deste trabalho, as mulheres podem não ser completamente autônomas, porém se utilizam do espaço em que estão para criarem elas mesmas estratégias que possibilitam a sua atuação.

Dessa maneira, ser escolhida Rainha dos Estudantes poderia ser positivo, pois permitia à estudante que fosse representante de toda a classe estudantil, em que poderia atuar de outras maneiras que além de refletir a beleza da estudante catarinense. Isso possibilitava um contato maior com o movimento estudantil, com suas pautas e reivindicações e também fazia com que os estudantes enquanto classe fossem reconhecidos na cidade, uma vez que esses concursos eram noticiados por todos os jornais e faziam parte dos eventos sociais da Ilha. Ser Rainha dos Estudantes era uma oportunidade para as mulheres adentrarem o movimento estudantil, como é possível perceber na trajetória de Ana Maria Bristot de Almeida, que foi rainha dos estudantes em 1963 e após isso conseguiu se inserir de maneira mais forte no grupo de esquerda do movimento estudantil criciumentense.⁸⁸

Outra história que me chamou atenção foi em relação a uma estudante específica, Eglê Malheiros. Ao procurar construir uma pequena página da história das mulheres no movimento estudantil percebo o quanto fomos invisibilizadas por aqueles que se propõe a escrever a história. Li o livro de Serenito Moretti com atenção, pois ele é tanto referência bibliográfica quanto uma fonte, uma vez que foi escrito em 1984, ainda no auge da reconstrução do movimento estudantil brasileiro e catarinense. A atenção também estava em encontrar as estudantes nessa história, e Eglê Malheiros apareceu como a única mulher a ser citada no livro enquanto atuante do movimento estudantil, apesar de que no livro a grafia de seu nome estava incorreta.

Eglê Malheiros nasceu em 1928 em uma família de classe média politizada e foi para

2013. Disponível em:

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386738062_ARQUIVO_MarliPaulinaVitali.pdf>

Acesso em: 28 abr. 2014.

88 Idem.

Florianópolis após a morte do pai, onde cursou o ginásial⁸⁹ no Colégio Coração de Jesus. Como não era possível fazer o colegial em Florianópolis, pois o único colégio que oferecia o curso era masculino, Eglê foi para Porto Alegre morar na casa de um tio. O contato com o tio, que era do Partido Comunista, e com o movimento estudantil mobilizado fez com que ela desenvolvesse ainda mais consciência política e social: “num período do final da Guerra, de democratização, o movimento estudantil era muito forte, eu já participava. Mas não era membro do partido porque era menor de idade, mas, tinha atividade política.”⁹⁰

Quando voltou a Florianópolis, já integrada ao Partido Comunista, Eglê se matriculou na Faculdade de Direito, em 1947. Não foi a primeira mulher a entrar na Faculdade, no entanto seu nome consta como a segunda mulher a se formar.⁹¹ Eglê, que também era poetisa, integrou o chamado Grupo Sul, movimento artístico e cultural que trouxe o modernismo a Santa Catarina.⁹² Atuando no Centro Acadêmico XI de Fevereiro, ela viveu um momento de fortalecimento da militância estudantil, que culminou com a criação da União Catarinense dos Estudantes (UCE), órgão que consolidou o movimento estudantil do estado, em 1949.

Eglê Malheiros é uma das poucas mulheres presentes no movimento estudantil desse momento e foi uma figura muito importante, pois participou de diversos grupos de mobilização social: o movimento estudantil, o Grupo Sul, o Partido Comunista. Dessa forma, foi uma das pessoas que articulou as ligações entre esses diferentes âmbitos, e o Centro Acadêmico XI de Fevereiro chegou a patrocinar peças de teatro promovidas pelo grupo.⁹³ Infelizmente sua história não é tão conhecida, mas é uma demonstração de transgressão ao que se esperava de uma mulher naquele período, e significativa por ser uma a única estudante que aparece nos registros.

89 Até 1971 o ensino escolar brasileiro era dividido em primário, ginásial e colegial. O ginásial correspondia aos quatro anos finais do atual ensino fundamental e o colegial se referia ao atual ensino médio.

90 MALHEIROS Apud ROSA, Maristela da. *Rompendo normas: trajetória social e prática docente de Eglê Malheiros no Colégio Estadual Dias Velho (Florianópolis 1947/1064)*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, p. 59.

91 Eglê se formou em 1951. FORMADOS DA DÉCADA DE 50. Relação. Disponível em: <<http://www.cj.ufsc.br/Graduacao/Formados/decada50.html>>. Acesso em 1 maio 2014.

92 Sobre o Grupo Sul ver SABINO, Lina Leal. *Grupo Sul: o modernismo em Santa Catarina*. Florianópolis: FCC Edições, 1982,

93 ZIMMERMANN, Joseane. *Ao sul os desejos: a cidade transfigurada na poesia de Eglê Malheiros*. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 31.

3.2. CONSTRUINDO O MOVIMENTO ESTUDANTIL CATARINENSE: da consolidação da União Catarinense dos Estudantes aos anos de repressão.

O movimento estudantil catarinense continuou bastante atuante durante os anos que perduraram até golpe militar, inclusive sendo considerado por Moretti como o melhor momento da UCE:

O período inaugurado pela greve contra os ingressos dos cinemas [em 1952] marca o início de uma fase de apogeu da União Catarinense dos Estudantes, e que perdurará até o Golpe Militar de 1964. Nesse período de quase doze anos, com algumas exceções – fato característico de todos os movimentos sociais –, a UCE estará coordenando e liderando lutas e campanhas que, ao atingir seus objetivos com a concreção de notáveis empreendimentos, enaltecem os estudantes e a história do Estado de Santa Catarina.⁹⁴

Esse apogeu do movimento estudantil caminhou com uma conjuntura nacional e regional de busca por desenvolvimento e progresso, e por muitos projetos de Brasis diferentes. Essa conjuntura resultou também num maior incentivo ao ensino superior na cidade. Além das já citadas Faculdades de Direito e de Finanças, houve a criação das Faculdade de Farmácia e Odontologia em 1946, a Faculdade de Filosofia em 1955, a Faculdade de Medicina em 1956, e a Fundação Vidal Ramos em 1958, que oferecia o curso de Serviço Social.⁹⁵ O processo de desenvolver o ensino superior catarinense deu seu passo decisivo com a criação da Universidade de Santa Catarina em 18 de dezembro de 1960, que contou com a união de todas essas escolas e mais a criação da Faculdade de Engenharia.⁹⁶

O período de expansão do ensino superior se deu em sintonia com a conjuntura nacional, em que o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1960) propunha uma aceleração do crescimento do país baseado no modelo econômico do nacional-desenvolvimentismo e através do chamado Plano de Metas, que pretendia fazer o Brasil crescer “50 anos em 5”. A criação de universidades era uma dos caminhos para se conseguir o desenvolvimento brasileiro e juntamente com os esforços dos professores das faculdades da cidade se conseguiu que esse intento saísse do papel e lograsse êxito. Esse é um momento em que a ideia de progresso e desenvolvimento estará na pauta de toda a sociedade brasileira, inclusive intelectuais e estudantes. Entre os pensadores que representaram o grande esforço intelectual

94 MORETTI, Serenito A. *Movimento estudantil em Santa Catarina...* op. cit., p. 55.

95 NECKEL, Roselane; KÜCHLER, Alita Diana (orgs.). *UFSC 50 anos...* op. cit.

96 BRASIL. Lei no 3.849, de 18 de dezembro de 1960. Federaliza a Universidade do Rio Grande do Norte, cria a Universidade de Santa Catarina e dá outras providências. *Diário Oficial da União*. Brasília, 21 dez. 1960. Sobre a história da UFSC e suas trajetórias ver o livro já citado “UFSC 50 anos: trajetórias e desafios”.

para enfrentar a questão do desenvolvimento e do progresso do país, superando o subdesenvolvimento, a pobreza e a desigualdade social está Paulo Freire, um dos maiores nomes da educação no Brasil. Paulo Freire criou um método de alfabetização de adultos, hoje conhecido pelo seu nome, que se fundamentava na troca de saberes entre professor e aluno e que valorizava o conhecimento e o cotidiano dos alunos.⁹⁷

Uma das atuações do movimento estudantil catarinense durante os primeiros anos da década de 1960 foi justamente o trabalho de alfabetização. Em outubro de 1962 a UCE iniciou um curso de alfabetização noturno para crianças da periferia, que durante o dia trabalhavam na cidade como engraxates, jornaleiros e outras funções para ajudarem na renda familiar.⁹⁸ Com 60 alunos inscritos, o curso obteve sucesso, ainda mais que no ano seguinte foi realizado na sede da UCE em Florianópolis o 1º Seminário Sul Brasileiro de Alfabetização, promovido pela UNE e demais uniões estudantis estaduais. Esse seminário foi muito importante e contou com a participação de Paulo Freire, dando ainda mais impulso para o projeto de alfabetização na cidade, uma vez que agora estava inserido em uma campanha nacional de Alfabetização.⁹⁹

Foi assim que em novembro de 1963 a UCE assinou um convênio com o MEC de sete milhões de cruzeiros para administrar cursos nas colônias pescadores do litoral de Santa Catarina, com o propósito de alfabetizar oito mil adultos. Além do valor do convênio a UCE recebeu uma kombi, que teria muita importância para as atividades que o movimento estudantil se propunha a realizar.¹⁰⁰ Luis Carlos Espíndola era vice-presidente da UCE em 1963 e relembra essa atuação que foi interrompida antes de se realizar plenamente.

Nós chegamos a ter, digamos assim de forma mais direta, foi o movimento de alfabetização. Nós fizemos bases de alfabetização em todas as praias onde tinham pescadores pelo interior da ilha toda. Mas ela teve vida curta, um ano e pouco, dois anos, porque a partir da implantação do regime militar não teve mais como atuar. O pessoal se dispersou, um ou outro continuou no movimento, mas aí já praticamente sem condição de fazer nada, e ele por si e extinguiu em função da própria pressão.¹⁰¹

O golpe militar de 1964 desarticulou os setores progressistas da sociedade que buscavam mudanças para o país, e o mesmo aconteceu em Florianópolis, onde foi aplaudido

97 ARAUJO, Maria Paula. *Memórias estudantis...* op. cit., p. 125-128

98 MORETTI, Serenito A. *Movimento estudantil em Santa Catarina...* op. cit., p. 84.

99 Idem.

100 Ibidem, p. 85.

101 Luiz Carlos Espíndola. . Entrevista concedida a Lidia Schneider Bristot. Florianópolis, 30 jul. 2010. Acervo UFSC 50 anos.

pela elite, classe média e governantes que temiam a “comunização” do país. Entre os setores que sofreram com o golpe estavam os estudantes em geral e o movimento estudantil em específico e professores da Universidade. Na UFSC, logo após o 1º de abril foi instalada uma Comissão de Inquérito para averiguar os possíveis professores, estudantes e servidores que se enquadrariam como subversivos pelo Ato Institucional Nº 1.¹⁰² As funções da comissão de inquérito da Universidade estão em seu regimento interno

a Comissão instigará sumariamente e dará parecer em todos os casos em que sejam indiciados professor, servidor a qualquer título e aluno da Universidade de Santa Catarina como responsável por atos atentatórios à segurança do país, ao regime democrático e à probidade da administração pública.

Parágrafo único – Para êsse fim, a Comissão se valerá de informações que solicitar às autoridades competentes e de denúncias que lhe forem apresentadas.¹⁰³

Diversos estudantes e professores foram investigados pelos mais diferentes motivos. Professores que tinham ligações com o Partido Comunista ou apoiavam o Jango foram investigados, chegaram a ficar presos para averiguação e muitos depois da pressão que sofreram pediram afastamento de seus cargos. Os estudantes também foram bastante investigados, principalmente no que tange as suas organizações. Publicações estudantis, por exemplo, foram solicitadas pela Comissão de Inquérito a todos os cursos da Universidade. Houve inclusive casos curiosos, pois a necessidade de se encontrar pessoas subversivas fez com que muitas pessoas fossem investigadas pelos mais diferentes motivos. Um estudante de Farmácia foi investigado por ter mandado uma carta para o Embaixador de Cuba no Brasil pedindo informações sobre como cursar Medicina naquele país.¹⁰⁴

Para o movimento estudantil catarinense o golpe militar inaugurou uma época de

102 AI-1, instaurado em 9 de abril de 1964 “Em nome da revolução vitoriosa, e no intuito de consolidar a sua vitória, de maneira a assegurar a realização dos seus objetivos e garantir ao País um governo capaz de atender aos anseios do povo brasileiro” dispõe: “Art. 7o - Ficam suspensas, por seis (6) meses, as garantias constitucionais ou legais de vitaliciedade e estabilidade. § 1o - Mediante investigação sumária, no prazo fixado neste artigo, os titulares dessas garantias poderão ser demitidos ou dispensados, ou ainda, com vencimentos e as vantagens proporcionais ao tempo de serviço, postos em disponibilidade, aposentados, transferidos para a reserva ou reformados, mediante atos do Comando Supremo da Revolução até a posse do Presidente da República e, depois da sua posse, por decreto presidencial ou, em se tratando de servidores estaduais, por decreto do governo do Estado, desde que tenham tentado contra a segurança do País, o regime democrático e a probidade da administração pública, sem prejuízo das sanções penais a que estejam sujeitos. (...) Art. 8o - Os inquéritos e processos visando à apuração da responsabilidade pela prática de crime contra o Estado ou seu patrimônio e a ordem política e social ou de atos de guerra revolucionária poderão ser instaurados individual ou coletivamente.”

103 UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. *Comissão de inquérito nº10/64*. Florianópolis, 23 de maio de 1964. Arquivo Central UFSC. Caixa 04.

104 Idem.

ilegalidade e dificuldades, além de perseguição e torturas. Em Florianópolis a sede da UCE foi fechada e muitos de seus membros presos. Luiz Carlos Espíndola relembra sua prisão logo após o golpe de 1º de abril de 1964:

Eu fui preso junto com um colega que era da UCE, que depois foi ministro do Superior Tribunal de Justiça, ministro Galotti. nós estávamos com uma kombi e um alto falante, na frente do quartel da polícia militar instando que os soldados, a polícia militar do estado se insurgisse contra o golpe e garantisse a constituição. E ficamos lá fazendo uma “discursseira” danada, com a kombi, um alto falante assim enorme em cima da kombi, os policiais tudo do outro lado, dentro do quartel, em regime de prontidão, mas ouvindo aquilo tudo né. Até que veio uma ordem de mandado e nos prenderam.¹⁰⁵

A kombi também foi confiscada, e os cursos de alfabetização nas comunidades de pescadores foram extintos. Se inicia então uma época de muitas dificuldades do movimento estudantil. Não é possível dizer que ele se acaba, mas no entanto a repressão impossibilitou uma continuação no crescimento das mobilizações dos estudantes na cidade, ou mesmo que essas tivessem uma lógica de atuação não apenas pontualmente. Luiz Carlos, que entrou na faculdade e no movimento estudantil em 1963, e se formou em 1966 lembra do esvaziamento do movimento estudantil em 1964

Ficou muito tempo até que as coisas se reorganizassem, demorou muito tempo porque, no fundo, qualquer pessoa que quisesse assumir uma união de estudantes ou coisa que o valha, sabidamente entrava na linha de tiro do sistema. Então sofria muita pressão, pressionavam intensamente. Ali arrefeceu um pouco o movimento, porque alguma liderança que se destacasse um pouco mais, daqui a pouco estava presa também, então não tinha muito o que fazer.¹⁰⁶

As memórias de Luiz Carlos são permeadas pela imobilidade que o golpe militar colocou no movimento estudantil e nas possibilidades de mudanças sociais. Para as pessoas que viveram a efervescência social e mobilizadora dos anos anteriores ao regime militar essa presença é ainda mais forte, posto que foi uma mudança brusca. No entanto é necessário ter em mente que o movimento estudantil em Florianópolis não acabou por completo. Reivindicações, manifestações, mobilizações ocorreram nas maneiras que eram possíveis nos anos seguintes. Uma das questões que ocorreu nesse momento foi o fechamento da União Catarinense dos Estudantes e as mudanças dos órgãos estudantis da universidade, devido à lei Suplicy. A antiga UCE se transformou em Diretório Estadual Estudantil e além dos centros acadêmicos foi criado o Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFSC. A conjuntura de

105 Luiz Carlos Espíndola. *Entrevista concedida a Lidia Schneider Bristot...* op. cit.

106 Idem

repressão aos órgãos estudantis fez com que fosse mais fácil se organizar através do DCE da UFSC, o que levou a um esvaziamento do papel e importância da UCE, que se percebe atualmente.

Em 67 e 68, quando o movimento estudantil da cidade se renovou com novos jovens chegando a Florianópolis para estudar na universidade, foi ao redor do DCE que as mobilizações foram feitas. Assim como o resto do país, esse foi um momento em que o movimento estudantil retomou força depois do trauma de 1964. Em Florianópolis o movimento estudantil se reorganizou principalmente em torno de dois grupos políticos, Ação Popular¹⁰⁷ e o Partido Comunista. Derlei Catarina de Luca foi uma militante do movimento estudantil e da Ação Popular nesse período. Segundo relata, esse foi um momento de grande efervescência, em que os estudantes aprendiam como se reorganizarem. Ela relembra sobre uma assembleia realizada em 1967, quando os órgãos estudantis estavam fechados

Então fizemos um panfleto e marcamos uma Assembleia para discutir a questão de um professor de matemática. E encheu, chegou na hora não sabíamos nem o que fazer de tanta gente: lotado, lotado, lotado, lotado! E tremíamos tudo porque não tinha ninguém do Diretório Acadêmico, não existia nada, e tremíamos porque não sabíamos nem o que falar na Assembleia. Mas tínhamos mais ou menos preparado, a Aline, uma companheira que estudava comigo, a Sônia e eu. E éramos nós três, a Célia, éramos três ou quatro. A gente tinha conversado para tirar esse professor, a proposta era fazer um abaixo-assinado, todo mundo assinava, para tirar esse professor de matemática. A Assembleia evoluiu, porque apareceu muita gente, começou a fazer discurso, chegou um policial e acusou nós de subversivas, de tudo que você possa imaginar. E a gente não sabia *nada*. Sabe o que é *nada*? Nada! Porque nós assim não tínhamos grandes conhecimentos, eu vinha lá do interior, todo mundo vinha do interior, o que a gente não tinha era muito medo. (...) E falamos que não queríamos o professor, que queríamos uma associação de estudantes e tudo... um monte de gente foi falando e foi muito interessante, porque não tínhamos uma prática de Assembleia, não tínhamos prática de controlar estudantes, de ordem, de fazer isso, como a gente aprendeu depois. Mas deu tão certo, que se tivéssemos preparado bem, não teria dado tão certo. Saímos dali com um grupo que ia pedir uma reunião do diretor, saímos dali com o abaixo-assinado, saímos dali com uma proposta de fazer um diretório acadêmico.¹⁰⁸

107 Ação Popular (AP) é um desdobramento do processo iniciado dentro da JUC (Juventude Universitária Cristã) no final dos anos 1950, onde militantes católicos se envolveram cada vez mais com uma corrente de esquerda que propunha mudanças sociais. A JUC e a AP tiveram muita entrada no movimento estudantil da década de 1960 em todo o país, e foram conhecidos também como “Terceira Força” pois propunham uma terceira via entre o comunismo ateu da União Soviética e o capitalismo, que seria um socialismo humanitário e cristão. Sobre a AP ver CIAMBARELLA, Alessandra. Do cristianismo ao maoísmo: a história da Ação Popular. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Orgs.). *Revolução e democracia: 1964-....* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (Coleção As Esquerdas no Brasil, 3).

108 Derlei Catarina de Luca. *Entrevista concedida a Sérgio Luis Schlatter Junior*. Criciúma, 22 abr. 2008. Acervo LEGH. Os grifos referem-se as palavras enfatizadas pela entrevistada.

A fala é longa, mas muito exemplar da experimentação do movimento estudantil. É a vivência de uma juventude que busca se expressar, e a atuação no movimento estudantil aparece como um aprendizado, um momento em que os estudantes, de maneira autônoma, buscam criar as ferramentas que são necessárias para suas vivências enquanto jovens universitários. Essa juventude também é aparente na fala em que Derlei diz “a gente não sabia *nada*. (...) o que a gente não tinha era muito medo.” Isso reflete a ideia de juventude, tanto a inocência de “não saber nada”, como na falta de “medo”. Seria essa falta de medo, resultado de não conhecer como as coisas funcionam verdadeiramente, o motivo pelo qual os jovens se radicalizam e se rebelam. Derlei comenta em sua entrevista também sobre como o ano de 1968 foi agitado, sobre a energia que todos os militantes colocavam para as mobilizações daquele período, “Nós vivíamos 24 horas, sabe o que é viver 24 horas? Eu não sei... Eu não me lembro quando nós dormíamos e de onde nós tínhamos tanta energia. Tanta energia, tanta energia! Tudo era motivo para fazer reunião, para discutir.”¹⁰⁹

O AI-5 encerrará um ciclo de mobilização que teve como auge o ano de 1968, levando muitos de seus membros para a clandestinidade e a luta armada. Maneira encontrada por muitos para canalizar as energias que tinham sido acendidas pelas manifestações públicas de 1968. Para outros o caminho foi inverso, o descrédito com as instituições e possibilidades de mudança, somado às prisões e torturas, fizeram com que se afastassem de movimentos políticos. Em Florianópolis isso levou a um esvaziamento do movimento estudantil, que se viu sem muitas possibilidades de atuação e com seus principais militantes perseguidos. O processo de rearticulação da atuação política estudantil voltará fortemente a partir de 1975.

3.4 NOVOS TEMPOS: o cotidiano de militância na década de 1970 em Florianópolis.

A década de 1970 foi de muito crescimento para a Universidade Federal de Santa Catarina, com a criação de diversos cursos e um grande aumento de estudantes.¹¹⁰ Esse crescimento da Universidade fez com que cada vez um número maior de estudantes convivessem na rotina acadêmica, entre eles diversas mulheres. O crescimento do número de

109 Idem.

110 Ao longo da década de 1970 foram criados mais de 15 cursos de graduação na UFSC, entre eles Arquitetura, Jornalismo, Ciências Sociais e Agronomia. NECKEL, Roselane; KÜCHLER, Alita Diana (orgs.). *UFSC 50 anos...* op. cit.

acadêmicas ao longo da década de 1970 já foi discutido no primeiro capítulo, e apesar de não possuir dados específicos do aumento de matrículas de mulheres na UFSC, é mais que cabível presumir que isso ocorreu também nessa Universidade.¹¹¹

Nos anos seguintes ao AI-5 o movimento estudantil foi esvaziado de suas lutas políticas. Isso não quer dizer que ele sumiu completamente, mas que ocorreu um período em que a repressão esteve muito mais forte. A partir de 1974, com a abertura política já discutida no primeiro capítulo, o movimento estudantil volta a se rearticular no Brasil e em Florianópolis em torno das lutas democráticas. Na Universidade Federal de Santa Catarina veremos também esse crescimento e rearticulação do movimento estudantil, principalmente em torno da reconstrução de seus espaços institucionais, como Centros Acadêmicos e Diretório Central dos Estudantes e a questões relativas à Reforma Universitária¹¹².

A Reforma Universitária já vinha sendo implementada desde 1968, e a UFSC foi uma das primeiras a colocá-la em prática. Na década de 1970 ela irá ser mais efetivada, com algumas mudanças na estrutura da Universidade, como o fim das Faculdades, a criação de Centros de Ensino e Departamentos e a implementação de um vestibular único e unificado para todos os cursos da Universidade. Com essas reformulações a Universidade ficou dividida por áreas de saberes, e todos os alunos, antes de começarem a cursar as disciplinas específicas do curso deveriam passar por um ciclo de estudos básicos, para isso foi criado o Centro de Estudos Básicos (CEB). Uma das consequências dessas mudanças foi o enchimento do CEB, que se tornou um enorme centro que reunia todos os estudantes nos primeiros anos da Universidade, fazendo com que o movimento estudantil aí também crescesse. Nesse momento os Centros Acadêmicos estavam fechados, existindo apenas o Diretório Central dos Estudantes (DCE) e os Diretórios Acadêmicos de cada Centro de Ensino.¹¹³

Após o AI-5 os órgãos estudantis foram fechados durante um período, até porque a chapa vencedora do DCE no ano de 1969 foi impugnada devido aos estudantes participantes terem sido considerados subversivos pelos órgãos de informação do Estado.¹¹⁴ A repressão

111 Tive acesso, entretanto, ao número de professores universitários em 1979, e cabe ressaltar que as mulheres constituíam 26% do corpo docente. Pensando que alcançar bons postos de emprego ainda hoje se constitui em um desafio para as mulheres, percebe-se que o aumento do número de mulheres discentes ainda não traduzia em um aumento no professorado. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. *Boletim do Pessoal*. Florianópolis, n. 149, maio 1979.

112 Sobre a Reforma Universitária ver GERMANO, José Willington. *Estado militar e educação n Brasil* (1964-1985). São Paulo: Cortez Editora, 2005.

113 Os centros existentes na universidade entre 1969 e 1976 eram: Centro de Estudos Básicos (CEB), Centro Bio-Médico (CBM), Centro Tecnológico (CTC), Centro Sócio-Econômico (CSE), Centro de Educação (CED), Centro de Desportos (CDS) e Centro Agropecuário (CAP).

114 Portaria no 142/69: “CONSIDERANDO, principalmente, que nesta data os Órgãos de Informação e

pós-68 fez com que o movimento estudantil tivesse que ser mais ameno, nos documentos internos da Universidade se percebe um estudo dos órgãos estudantis a partir de 1973, visando regulamentar a situação desses órgãos.¹¹⁵ Durante toda a década de 1970 as eleições para o Diretório Central foram indiretas, com a eleição de delegados em cada centro de Ensino que decidirão a chapa vencedora do DCE. Isso desgastou o movimento estudantil, pois os estudantes não se sentiam estimulados a participar de eleições em que não existia uma participação efetiva dos mesmos na escolha de seus representantes. Em entrevista ao jornal O Estado o novo presidente do DCE em 1975, João Pedro Carreirão Neto, comentava:

Uma menor participação do estudante universitário deve-se ao temor imposto por uma legislação de caráter preventivo para preservação da ordem e em benefício da Segurança Nacional, mas que serviu também de instrumento castrador de lideranças, que alterou as atribuições dos diretórios acadêmicos, os quais perderam a função básica de órgãos de defesa de classe, que diluem a representação estudantil, e que sufocou um desejo de participação, na defesa dos objetivos universitários.¹¹⁶

Além disso entre as normas impostas pela Universidade constavam um artigo específico que dizia “Aos Diretórios é vedado realizar qualquer ação, manifestação ou propagação de caráter político – partidário, racial, ou religioso, bem como incitar, promover ou apoiar ausências coletivas aos trabalhos escolares.”¹¹⁷ No entanto, os estudantes buscavam as possibilidades possíveis para se desenvolver e atuar politicamente mesmo em um ambiente desfavorável, fazendo com que o cotidiano universitário tivesse contestação, política e cultura. Antes de se ater ao cotidiano estudantil e sua militância, é necessário compreender as

Segurança do Governo encaminharam a esta Reitoria documentos que impedem a participação dos referidos acadêmicos em eleições para Órgãos de representação estudantil; RESOLVE: Declarar inelegíveis os acadêmicos SÉRGIO LUIZ DE CASTRO BONZON, MARCOS CARDOSO FILHO, GERÔNIMO WANDERLEY MACHADO E CELSO WIGGERS, por isso mesmo, nulos de pleno direito, os votos a eles outorgados nas eleições a realizarem amanhã, dia 22 de agosto de 1969.” UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. *Boletim do Pessoal*. Florianópolis, n. 32, ago. 1969, p. 2-3.

115 O ESTADO. *Os novos representantes dos estudantes da Ufsc*. Florianópolis, 11. jun. 1975, p. 16.

116 PORTARIA 420/77 In: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. *Boletim do Pessoal*. Florianópolis, n. 121, abr. 1977, p. 17-28.

117 O Movimento Democrático Brasileiro se destacou principalmente a partir da década de 1970, quando muitos opositores ao regime de diferentes vertentes se coligaram em baixo da sigla do único partido de oposição. Com o desgaste do regime militar, com uma insatisfação crescente e o “milagre econômico” dando os sinais de que cobraria seu preço, a insatisfação da sociedade civil cresceu e encontrou um terreno fértil para se desenvolver com a união de diversos setores da esquerda – depois de derrotada a tentativa de luta armada no país – e de movimentos sociais em torno da bandeira das liberdades democráticas. Isso possibilitou um crescimento dos grupos de esquerda dentro do partido. A escolha de militar institucionalmente no MDB foi feita principalmente pelos comunistas do Partidão, que viam desde o início as vias institucionais e um frente ampla de esquerda como o caminho para o fim do regime militar. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O MDB e as esquerdas. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs.). *Revolução e democracia...*, p. 283-302. Sobre o MDB no Brasil ver: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Partido e sociedade: a trajetória do MDB*. Ouro Preto: Ufop, 1997.

especificidades de como os estudantes na UFSC estavam organizados em grupos em tendências.

As tendências existentes no movimento estudantil brasileiro já foram discutidas no primeiro capítulo, no entanto, o contexto de cada região mudava esse quadro, e em Florianópolis não era diferente. As tendências fizeram parte do cotidiano do movimento estudantil e permeiam as memórias das militantes desse período. Durante a década de 1960 os principais grupos políticos a influenciarem o movimento estudantil da UFSC foram o Partido Comunista e a JUC e Ação Popular. A partir da década de 1970 a Ação Popular perde a hegemonia que tinha no fim da década de 1960 em Florianópolis, inclusive por muitos de seus militantes entrarem para a clandestinidade ou serem presos. O Partido Comunista, no entanto, continuou com sua atuação, até após o AI-5 o regime militar estava mais preocupado em eliminar outros grupos de esquerda, principalmente os envolvidos em luta armada.

Em Santa Catarina também temos um crescimento grande do MDB, o partido de “oposição” durante o regime militar, e muitas pessoas viram a atuação no MDB como uma possibilidade de atuar politicamente pelas vias institucionais.¹¹⁸ O MDB foi um partido que cresceu bastante durante a década de 1970, principalmente a partir de 1973 e após as eleições de 1974. Além disso, o partido no estado possuía um grupo bastante à esquerda, se comparado com outros estados.¹¹⁹ Uma das maneiras utilizadas pelo MDB para se aproximar dos movimentos sociais e mostrar-se um partido efetivamente oposicionista e empenhado na luta pela democracia foi reforçar suas próprias estruturas orgânicas, dessa maneira foi criado o MDB Jovem, que se estruturou no mesmo momento em que o movimento estudantil começava a se reorganizar. O MDB Jovem foi um caminho utilizado por muitos estudantes para a militância, principalmente os ligados ao Partido Comunista, e teve uma inserção significativa no movimento estudantil catarinense. O Partido Comunista se organizava no movimento estudantil através da tendência chamada Unidade, tanto em Santa Catarina como no resto do Brasil, talvez exemplo de seu “centralismo democrático”. Embora com grande apoio e número de estudantes, o havia muitas pessoas críticas ao modelo político do Partido Comunista. Rosângela Koerich Souza, uma das entrevistadas, relembra isso.

Eu fazia parte de um grupo que se colocava contra a linha política do Partido Comunista Brasileiro. Não porque nós não fôssemos comunistas, nós nos reivindicávamos também do comunismo, só que o Partido Comunista estava

118 LOHN, Reinaldo Lindolfo. *História da ditadura em Santa Catarina*. MESA REDONDA 50 anos do golpe: ditadura nunca mais. Apresentação oral, Florianópolis, 31 mar. 2014.

119 SOUZA, Rosângela Koerich. *Entrevista concedida a Lidia Schneider Bristot*. Florianópolis, 09 out. 2013.

no MDB, e eu fazia parte de um grupo de estudantes que lutávamos pelo POI, Partido Operário Independente, nós éramos contra estar no MDB e a nossa linha era pelo voto nulo, porque pra nós não valia a pena votar em partido como o MDB, que nós chamávamos de oposição consentida. Nós valorizávamos a luta deles e tal, mas não estávamos ali dentro, e o Partido Comunista sempre teve uma teoria que era participar do Estado burguês, tomar espaço para a partir daí se transformar, e a nossa linha era diferente. A nossa linha era organizar de forma independente. Depois eu rompi com o MEP quando o MEP se aproximou do Partido Comunista, apoiou a chapa do DCE do Partido Comunista, chamada Unidade, na época era Unidade, e eu me aproximei da Liberdade e Luta, aí eu militei na Liberdade e Luta, rompi com o MEP e passei a militar na Liberdade e Luta e depois entrei na OSI, que era o braço político, não estudantil, da Libelu, e onde estou até hoje, até hoje, digamos, sou militante da Libelu.¹²⁰

Rosângela entrou na Universidade Federal de Santa Catarina em 1975 e como muitos na época não concordava com o PCB. Entre os grupos comunistas que discordavam da linha do “Partidão” a maioria tinha influência trotskista, como a Liberdade e Luta (Libelu) e outros grupos que a partir de 1979 fizeram parte do Movimento pró-Partido dos Trabalhadores. Mais a esquerda que o grupo anteriormente citado, a Libelu foi a primeira organização a usar a frase “abaixo a ditadura” nesse período no movimento estudantil. Quando se buscava uma plataforma de lutas que fosse mais suave, em torno das liberdades democráticas, e visando não atrair tanta repressão, os grupos trotskistas eram mais radicais em suas defesas, e buscaram manter sempre em pauta o horizonte de revolução socialista.

Existiam também outros grupos que são menos discutidos e mais invisibilizados, como os anarquistas, que começam a ter mais visibilidade no fim da década de 1970 e início de 1980, no entanto ainda são poucas as pesquisas sobre esses grupos. Em Florianópolis citações sobre anarquistas no movimento estudantil aparecem desde 1964, mas a partir de meados da década de 1970 eles estavam mais organizados e em 1980 organizam um grupo de teatro chamado Grupo A.

Além disso existiu também um grupo conhecido inicialmente como Sapiens Clube de Cultura (SCC), formado por estudantes que se viam como oposição à esquerda marxista e a ligada aos grupos católicos e não se consideravam de direita. Politicamente se vinculavam aos ideais do trabalhismo e de Leonel Brizola, mas foram crescendo enquanto grupo político e nem todos seguiam essa linha política. Pode-se dizer que eram democratas de centro, que buscavam o fim da ditadura e as liberdades democráticas, mas sem as intenções de superação

120 ANDRADE, Lédio Rosa de. *Abaixo as ditaduras: história do movimento estudantil catarinense 1974-1981*. Florianópolis: Conceito, 2010.

do capitalismo, inclusive ao longo do tempo s transformaram na tendência Luta Democrática e venceram a eleição para o DCE em 1980. Lédio de Andrade, um dos participantes desse grupo, escreveu um livro sobre o movimento estudantil catarinense focando na atuação desse grupo, e noto uma forte divergência e até rancor em relação às esquerdas revolucionárias, que os viam como de direita.¹²¹

Na vivência do movimento estudantil esses grupos eram muito importantes, uma vez que também situavam a socialização de cada pessoa. Como comenta Rosângela sobre os relacionamentos entre os diferentes grupos

Direita a gente fala era mais o pessoal do MDB, que não se considerava comunista. Eu até me relacionava com eles, a gente até saia pra fazer um lanche, bater papo e tal. Mas assim, passar final de semana junto, na casa um do outro, fazer caminhada, acampamento, festa na beira da praia? Era só com a esquerda.¹²²

Essa fala demonstra muito da convivência no movimento estudantil, em que a sociabilidade estava pautada por questões de afinidade política e de militância. A vivência de todos os militantes estudantis está marcada por essas questões. No entanto, para as mulheres essa questão será ainda mais específica. As duas fotos abaixo para mim são muito marcantes do papel das mulheres no movimento estudantil, são registros do Primeiro Encontro Catarinense de Estudantes, realizado em 1979 na UFSC ainda na luta pela legalização de suas entidades. Na primeira foto não foi reconhecer a estudante, mas dos registros fotográficos essa foi a única pessoa que estava falando em cima da mesa. Acredito que essa foto é marcante por deixar no ar essa dificuldade que as mulheres tinham de se impor e serem escutadas em assembleias e outras reuniões. Ao mesmo tempo, na segunda foto, o que transparece é a força e seriedade de outra militante estudantil, Ligia Giovanella, vice-presidente do DCE da UFSC. Tanto a primeira como a segunda podem ser interpretadas como aspectos da militância de mulheres.

121 SOUZA, Rosângela Koerich. *Entrevista concedida a Lidia Schneider Bristot...* op. cit.

122 SOUZA, Rosângela Koerich. *Entrevista concedida a Lidia Schneider Bristot...* op. cit.



Ilustração 1: Comunicação de estudante no 1º ECE, 1979. - Zeca Pires Acervo Agecom



Ilustração 2: Ligia Giovanella no 1º ECE, 1979. - Zeca Pires Acervo Agecom

4. ESTUDANTES E MILITANTES: a fala das mulheres

O crescimento do movimento estudantil e das universidades fez com que a inserção de mulheres em espaços de militância fosse muito maior do que no movimento estudantil da década de 1960. Algumas questões importantes para pensar os motivos dessa inserção feminina nos espaços de militância já foram discutidos nos capítulos anteriores, como o aumento do número de vagas no ensino superior e as mudanças culturais e sociais que permitiram as mulheres maior desenvolvimento profissional. Entretanto, a vivência dessas mulheres também perpassa por questões particulares.

A entrada na universidade é muitas vezes uma possibilidade de conhecer questões que não são postas no âmbito familiar e escolar. A situação política do país, a compreensão da sociedade em que se vive e as ideologias existentes nela são descobertas na vivência universitária. Rosângela Koerich Souza, já citada anteriormente, entrou para o curso de Letras da UFSC em 1975, com a intenção de se formar e ser diplomata, em 76 fez vestibular novamente e entrou para o curso de Direito, que achou ser a melhor para sua carreira futura. Depois, devido ao seu envolvimento político com a esquerda, sabia que não conseguiria ser diplomata, e atualmente é advogada em Florianópolis. Rosângela rememora essa entrada para a Universidade como um período de descoberta do mundo em que vivia:

Entrei na universidade e nunca fui militante, não tinha a menor compreensão sobre a vida política, tinha sensibilidade sobre o país que eu vivia, com as pessoas que me rodeavam e tinha preocupação em saber a origem da miséria. Porque tinha tanta gente pobre, porque tinha gente rica. Mas eu não tinha compreensão que vivíamos numa ditadura militar, nem que havia tortura nesse país, que havia prisioneiros.¹²³

É assim a universidade e a militância estudantil que dão compreensão sobre o mundo em que vive. A fala de muitas estudantes é voltada para isso, para uma “alienação” existente ao entrar no ensino superior. Marlene de Fáveri, que iniciou os estudos em 1979, também rememora essa questão. “Mas eu não entendia aquilo, eu era uma garota de 19 anos recém vinda do interior, de Turvo, que havia aprendido na escola a ser patriota, mais nada.”¹²⁴ A contestação se dá a partir do contato com outros estudantes e com o movimento estudantil organizado. É também interessante pensar que o as gerações nesse período tem um papel importante, se Rosângela começa a sua compreensão e militância em 1976, influenciada por

¹²³ SOUZA, Rosângela Koerich. *Entrevista concedida a Mirian Elisa da S. A. Wagner*. Florianópolis, jan. 2003.

¹²⁴ FÁVERI, Marlene de. *Entrevista concedida a Mirian Elisa da S. A. Wagner*. Florianópolis, mar. 2003.

outras pessoas e movimentos, Marlene em 1979 muito provavelmente se inspirou nas estudantes que iniciaram sua atuação política alguns anos antes.

Para Rosângela duas questões tiveram importância nessa vivência, uma delas foi a Operação Barriga Verde. A Operação Barriga Verde foi uma operação repressiva a membros do Partido Comunista Brasileiro que estavam reestruturando o partido em Santa Catarina. A onda de prisões ocorrida em novembro de 1975 no estado levou 42 militantes comunistas à prisão, entre eles Marcos Cardoso Filho e Wilson Rosalino, que eram professores na Universidade Federal de Santa Catarina, além de estudantes universitários, fato que levou a uma intensa mobilização no movimento estudantil e a construção do Movimento Feminino pela Anistia no estado.¹²⁵

Eu soube, não lembro bem a data que aconteceu a Operação Barriga Verde, acho que foi em 75, comecei a despertar para esse problema. Com a Operação Barriga Verde fiquei sabendo que alguns amigos de amigos meus tinham sido presos (...). Eu não sabia bem o porque dessas prisões, não tinha compreensão. Eu lembro que eu vi a Doroti Martins na fila do RU, ela era uma militante naquela época, (...). Então eu estava na fila do RU e a vi extremamente apreensiva porque o namorado dela que era professor da Escola Técnica Federal e acho que era professor da UFSC também, já falecido, era engenheiro e foi preso. A Doroti me marcou muito e aquela imagem, aquela mulher, que era dirigente. Aí eu comecei a me envolver. O que está acontecendo ? Que país é esse? Como é que a gente está? [grifos meus]¹²⁶

Importante perceber o a memória sobre o papel que visualizar uma mulher dirigente e como isso possibilita se ver representada em um espaço tido masculino. A imagem é marcante por não ser também comum, uma vez que mesmo nesse período o movimento estudantil possuía poucas mulheres que eram dirigentes. O processo de ver alguém ocupando um espaço que normalmente não o é atribuído permite que outras pessoas vejam determinado espaço dentro de seu horizonte de expectativas. Para Rosângela essa imagem foi importante, e assim iniciou seu envolvimento no movimento estudantil e através dele no Movimento Feminino pela Anistia em Santa Catarina. Para Marize Lippel, estudante de farmácia, o envolvimento se deu devido aos problemas que ocorreram em seu vestibular.

eu fiz um vestibular conturbado, porque houve um princípio de fraude e houve uma manifestação espontânea convocada pra nos manifestarmos. A partir dali, é lógico, as lideranças políticas da época nos chamaram e começamos a participar das reuniões do centro acadêmico de estudos

125 Sobre a Operação Barriga Verde ver MARTINS, Celso. *Os quatro cantos do sol: Operação Barriga Verde*. Florianópolis: EdUFSC e Fundação Boiteux, 2006.

126 SOUZA, Rosângela Koerich. *Entrevista concedida a Mirian Elisa da S. A. Wagner...* op. cit.

básicos.¹²⁷

O vestibular realizado em 1976 na UFSC teve vários problemas, com gabaritos iguais e provas diferentes sendo realizadas em cada cidade e acabou sendo anulado depois de intensas manifestações de vestibulandos e do movimento estudantil da UFSC. O descontentamento espontâneo no qual tomou parte fez com que se envolvesse no movimento estudantil, vindo a fazer parte da tendência Unidade do Partido Comunista e inclusive foi presidente do Centro Acadêmico Bio-Médico.

Foi muito interessante porque houve o apoio... como eu já fazia parte de um grupo do Partido Comunista, era um seguimento daquele trabalho. Não era um negócio assim, “agora eu vou me candidatar a presidência do Centro”, era um seguimento de um trabalho, por isso que eu digo que eu nunca senti uma aversão por ser mulher, mesmo numa categoria machista como era a medicina, a odontologia... Eu fui um seguimento da outra gestão, então essa equipe tinha um carisma muito grande. Dentro do movimento estudantil nos tinham que provocar, tanto na massa discente quando na docente o questionamento (...) Então a gente era uma continuidade desse processo. O que fez mais forte, se fosse o contrário já seria mais complicado para disputar as eleições.¹²⁸

Marize Lippel foi presidente da chapa Unidade para o CABM em 1978. A regulamentação imposta pela ditadura dentro das universidades não permitia os Centros Acadêmicos por curso, sendo apenas um centro acadêmico que congregava todos os cursos de determinada área. O CABM representava todos os cursos do Centro Bio-Médico, Farmácia, Odontologia, Medicina e Enfermagem; e como Marize já comenta, havia categorias bastante machistas, como a medicina e a odontologia. Para ela sua vitória foi resultado de um trabalho que já vinha sendo realizado pela Unidade na gestão anterior, no entanto é importante ressaltar que as eleições para os Centros Acadêmicos já eram diretas, sendo que apenas o DCE possuía eleições indiretas nesse momento.¹²⁹

Para essas mulheres que vivenciaram o movimento estudantil desse período a presença de mulheres era muito grande, assim como o respeito e aceitação de seus companheiros de militância. Com certeza o número de mulheres era maior do que em 1968 em Florianópolis, quando o número de mulheres era bem mais reduzido. Entre as memórias de 1968 e do fim da década de 1970 é possível perceber muitas mudanças. Valmir Martins, militante no movimento estudantil e na AP em 1967 e 1968 ao comentar sobre as reuniões clandestinas

127 LIPPEL, Marize. *Entrevista concedida a Lidia Schneider Bristot*. Florianópolis, 11 ago. 2012.

128 Idem

129 ANDRADE, Lédio Rosa de. *Abaixo as ditaduras...* op. cit.

que faziam na Barra da Lagoa dizia que “As pessoas nos viam como estranhos, quando viam aquele ajuntamento lá era uma coisa estranha, mulheres... uma mulher, geralmente era a Derlei¹³⁰ sozinha no meio de quatro, cinco homens. Era uma coisa chocante para as mulheres, e até para os homens da Barra da Lagoa.”¹³¹ Na fala das entrevistadas desse período a percepção é de que as mulheres são tantas, ou mais que os homens.

[Tinha muitas mulheres!] Muitas! Muitas, muitas, muitas, muitas. Era... como que eu posso te falar? Meio a meio, até pra mais. Nunca me dei conta de olhar isso, porque na época nós não discutíamos gênero, sabe? Não tínhamos essa discussão colocada, mas era tudo muito óbvio, as mulheres participarem. No Direito não, no Direito tinham poucas, mas no Jornalismo, na Psicologia, na Arquitetura, a maioria eram mulheres. Era um grupo de mulheres muito grande, tenho grandes amigas até hoje. [grifos meus]¹³²

A naturalidade da participação das mulheres está posta em todas as entrevistas, essa obviedade em participar do movimento estudantil mostra a aceitação em mulheres nesses espaços. No entanto, também deixa entrever outras questões, como os cursos ainda segmentados por gênero, como é explicitado ao comentar que no Direito não havia muitas mulheres, ou sobre a Medicina e a Odontologia serem espaços mais machistas. Muitas dessas memórias parecem as vezes se contrariar, mas é importante ter em questão que a subjetividade de cada pessoa a faz lembrar das coisas de determinada maneira, e percebe-se que a subjetividade construída por essas mulheres trás o período de militância enquanto um período em que não sentiam preconceito. Rosângela, inclusive, em suas memórias relata que percebeu o machismo a ela na esquerda quando advogava para diversos sindicatos e após se divorciar perdeu o trabalho em todos esses sindicatos, por ser mulher e divorciada.

Para Thais Lippel, na época estudante de medicina e irmã de Marize, também militante da Unidade, não havia também diferença entre homens e mulheres e a participação das estudantes era grande e muito bem aceita.

Aliás, acho que a gente era maioria! Tinha bastante e em cargos importantes, a gente tinha uma discussão muito de igual mesmo para com os homens. Mas eu vou te dizer, eu tenho certeza que isso também era pela propriedade dos argumentos, sem dúvida. Porque eu acho que aí é que se igualam os gêneros. As dificuldades que existem na sociedade, elas se dão muito por desconhecimento dos direitos básicos e de equiparação de direitos. E como a gente tinha isso muito claro, os homens tinham que ter bons argumentos pra contrapor!¹³³

130 Derlei Catarina de Luca, militante do movimento estudantil e AP, citada no capítulo anterior.

131 MARTINS, Valmir. *Entrevista concedida a Joana Maria Pedro e Cristina Scheibe Wolff*. Florianópolis, s/data. Acervo LEGH.

132 SOUZA, Rosângela Koerich. *Entrevista concedida a Lidia Schneider Bristot...* op. cit.

133 LIPPEL, Thais Helena. *Entrevista concedida a Lidia Schneider Bristot*. Florianópolis, 10 out. 2012.

Thais traz uma questão importante para se pensar a participação no movimento estudantil, a “propriedade dos argumentos” nas discussões. Para ela não havia diferença porque as mulheres se igualavam na defesa de suas convicções, um ponto que aparece como importante para a não invisibilização das mulheres em vários espaços tidos como masculinos. A política é vista como um assunto masculino, e muitas mulheres, por não se sentirem seguras nessa discussão, não a fazem. Como a maioria delas inicia sua trajetória política ao entrar na universidade, esse acúmulo de conhecimento político é recente, e para conseguirem se impor ou mesmo se sentir seguras para contribuírem nas discussões a principal questão apontada por elas é o estudo. Ter suas convicções baseadas em estudo e leitura permitia se empoderarem e discutirem igualmente com os homens, que então “tinham que ter bons argumentos pra contrapor!”.

A questão sobre a necessidade de ter bons argumentos deixa entrever a necessidade de se esforçar muito mais que os estudantes homens para serem ouvidas nas discussões. Isso perpassa tanto por questões intelectuais – ter uma base sólida e sentir-se segura para discussões políticas – como por questões mais corporais ou materiais – a foto da estudante em cima da mesa para ser ouvida é um exemplo disso. Acredito que as ambiguidades que encontro nas memórias dessas mulheres passem por isso, uma vez que apesar de afirmarem que haviam muitas mulheres no movimento estudantil, também é argumentado que as mulheres precisam se esforçar para que a igualdade de gênero ocorra e pelas poucas mulheres que chegam a postos de liderança no movimento estudantil.¹³⁴

As memórias sobre a participação das mulheres também são trazidas em relação aos principais cargos, como a presidência do DCE em 1979. Entre 1975 e 1979 muitas mudanças ocorreram na Universidade Federal de Santa Catarina, reflexo da abertura e das lutas sociais do país. A campanha pela Anistia, as greves do ABC e as seguidas aberturas do regime militar, principalmente com a revogação de todos os Atos Institucionais, inclusive o AI-5. Essas mudanças foram sentidas também nas Universidades, principalmente porque foram revogados os Decretos-Lei nº 477 e 228, que proibiam e puniam atividades políticas e organizações acadêmicas nas Universidades.

¹³⁴ Não foi possível encontrar dados sobre a divisão de gênero no movimento estudantil da década de 1970, mas atualmente a participação das mulheres na UNE é de 30%, o que me faz antever que o número nos anos 1970 deve ser ainda mais diminuto. CARDOSO, Mirelly. *Feminismo e o movimento estudantil*. Coletivo Maria Maria – Mulheres em Movimento. 2 jun. 2013. Acesso em: <<http://coletivomariamaria.blogspot.com.br/2013/06/feminismo-e-o-movimento-estudantil.html>>. Acesso em 27 jun. 2014.

Essas mudanças trouxeram uma maior liberdade aos estudantes, como comentou o então Pró-Reitor de Assistência e Orientação da UFSC, professor Volnei Millis:

Com a revogação dos Decretos-Leis 477 e 228, o governo pretende deixar o regime disciplinar a cargo das Universidades; as Universidades não correm risco algum com a eliminação destes Decretos: a concessão de verbas para a conclusão do Hospital Universitário foi uma vitória dos estudantes; a UFSC encara com naturalidade o Congresso Nacional dos Estudantes, em Salvador; as eleições diretas para o DCE representam mais um passo em favor da abertura.¹³⁵

A fala do Pró-Reitor demonstra as mudanças ocorridas durante esses anos e a principal diferença para o movimento estudantil da UFSC: a volta das eleições diretas após 11 anos de repressão.¹³⁶ O movimento estudantil já havia obtido ganhos significativos, e as verbas para conclusão do Hospital Universitário tinha sido uma vitória extremamente significativa, uma vez que a construção do Hospital vinha se alongando desde 1964, e com o esforço e pressão do movimento estudantil serão finalizadas em 1980.¹³⁷

Dessa forma, as eleições diretas para o DCE em 1979 eram uma novidade que animava os estudantes universitários. As eleições indiretas que aconteciam tinham afastado os estudantes, uma vez que a falta de possibilidades de atuação fazia com que as votações fossem apenas uma fachada democrática. Em uma reportagem sobre as eleições em 1978 uma estudante falou: “Eleições para diretório acadêmico não passam de palhaçada, já que não existem diretórios livres, e eles não tem representatividade nenhuma frente às decisões que são tomadas na universidade”¹³⁸

As eleições diretas foram um importante passo para a democratização da UFSC, mas cabe ressaltar que ainda era obrigatório que todos os estudantes votassem, com pena de oito dias de suspensão para os estudantes que não apresentassem justificativa para a falta.¹³⁹ Foi assim que se iniciou a campanha para o DCE em 1979. Marize Lippel, que participava da chapa Unidade, comenta sobre a escolha de Adolfo Luiz Dias como presidente.

Foi um trabalho mais árduo ainda, e eu lembro que na época, não saiu na cabeça uma mulher exatamente por isso, por que foi em cima de uma pessoa que tivesse carisma, a pessoa que tinha mais carisma. Porque eram mais chapas, a luta era mais acirrada do que no próprio Diretório Acadêmico do Bio-Médico. Então na época foi um consenso para nós o nome do Adolfo,

135 JORNAL UNIVERSITÁRIO. Florianópolis, maio 1979, p. 5.

136 Ibidem, p. 4.

137 BRISTOT, Lidia Schneider Bristot. O Centro de Ciências da Saúde e suas histórias. In: NECKEL, Roselane; KÜCHLER, Alita Diana (orgs.). *UFSC 50 anos...* op. cit., p. 176-177.

138 O ESTADO. Eleições na UFSC. Florianópolis, 3 jun. 1978, p. 16.

139 UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. *Boletim do Pessoal*. Florianópolis, n. 148, abr. 1979, p. 13.

porque ele era do curso de Direito, que era um curso que tinha notoriedade, ele era uma pessoa carismática, e principalmente – se não nós não teríamos apoiado – era uma pessoa de luta, era combativo, por isso saiu o nome dele.¹⁴⁰

Rosângela também comenta essa questão, relembando que “Primeiro eram os homens que tinham cargos maiores e era raro ter uma mulher candidata a presidência de alguma coisa.”¹⁴¹ Esse fato é perceptível no movimento estudantil em todo o país, apesar de vir mudando em ritmo acelerado a partir de 1975, como pode-se perceber com a eleição da primeira mulher presidente da UNE, Clara Araújo, em 1982.¹⁴² Tanto que Marize faz questão de complementar sobre a chapa do DCE, que foi vitoriosa nas eleições, e a atuação de Adolfo Dias dizendo que

Mas ele era completamente, o Adolfo era completamente apoiado por mulheres. Pela Ligia, por mim, pela Thais, pela Margareth Grando... Ele tinha uma base muito grande de apoio, apoio que eu digo uma equipe de trabalho. A equipe de trabalho dele, quem segurava a estrutura, eram as mulheres.¹⁴³

É interessante perceber nessa fala que a “base” eram as mulheres. A maioria das falas indicam a mesma coisa: de que o DCE estava sempre cheio de mulheres. No entanto, isso parece não se refletir em discussões sobre questões específicas das mulheres ou que envolvessem o feminismo. Nas lembranças das entrevistadas suas falas dizem que as mulheres eram muito bem respeitadas e levadas a sério, no mesmo patamar dos homens no movimento estudantil. Grupos de mulheres ocorriam apenas nos partidos, ambientes aí sim considerados machistas e com poucas mulheres. As memórias são lembradas ou esquecidas como convém ao sujeito, são subjetivas e atendem a interesses diversos, e não cabe aqui procurar discordar da impressão das entrevistas. Entretanto, é possível que talvez o cenário fosse diferente, o que pode explicar o porquê do movimento estudantil ainda não estar aberto para questões mais amplas de gênero e problemas relacionados a vivência da mulheres.

A vivência da militância estudantil é marcada também por um processo importante de sociabilidade e criação de laços entre os jovens. As reuniões e discussões, que evoluíam tanto discordância quanto laços de amizade é muito marcante na memória de Rosângela.

[Para fazer] a análise de conjuntura, uma reunião demorava 6, 7 horas, analisando, discutindo, brigando, arrancando os cabelos, era algo enlouquecedor! Mas a nossa vida era essa, era militar. E claro, saía dali e

140 LIPPEL, Marize. *Entrevista concedida a Lidia Schneider Bristot...* op. cit.

141 SOUZA, Rosângela Koerich. *Entrevista concedida a Mirian Elisa da S. A. Wagner...* op. cit.

142 ARAUJO, Maria Paula. *Memórias estudantis...* op. cit., p. 240.

143 LIPPEL, Marize. *Entrevista concedida a Lidia Schneider Bristot...* op. cit.

íamos para as festas. Brigava, eu era muito amiga do pessoal do Partido Comunista, na hora da briga era uma briga violenta, na hora da discussão *política*, e nunca saímos juntos; mas pra festa...! Éramos assim, eu era amiga de todo mundo. Aí tinha os anarquistas também, os anarquistas a gente fazia muitas festas com eles. Nossas festas eram na casa de alguém, sempre, cada um levava uma bebida fazia uma fogueira e comia o que tivesse, fazia bolo, fazia patê... Beira de praia também, fazíamos muitas festas na beira de praia, e as festas inclusive serviam pra gente fazer as discussões políticas também.¹⁴⁴

É a oportunidade de discutir, discordar, e pensar politicamente uma das grandes oportunidades que o movimento estudantil representa para seus militantes, especialmente as mulheres. A ideia desse espaço como um lugar de crescimento pessoal está na memória de muitas militantes, assim como a alegria de conviver em um espaço aberto a novas experiências, apesar de haver um ideal de militante a ser seguido. Era muito importante se manter enquanto estudante respeitada e estudiosa, tanto pelos colegas como pelos professores, a imagem de militante deveria ser desvinculada da ideia de “vagabundos”, “baderneiros” e principalmente de “maconheiros”. Na grande maioria dos grupos políticos era muito importante manter uma postura de seriedade, pessoas que iam bem em seus respectivos cursos. Como enfatiza Rosângela, “essa era uma linha política, nós sermos pessoas respeitadas, porque como que íamos defender uma nova sociedade, uma sociedade justa, e não sermos pessoas com capacidade de vir a gerir, inclusive, essa sociedade.”¹⁴⁵

Percebe-se aí também uma diferença em relação a cada grupo político na esquerda, tendo uma ideia as pessoas do Partido Comunista eram mais duras em relação a como se portar, outros grupos comunistas eram um pouco mais liberais, no entanto ainda buscavam uma imagem de seriedade. No extremo estavam os anarquistas, que não tinham uma proposta de trazer uma imagem de seriedade nem problemas em vincularem-se ao uso de maconha.

Os anarquistas, eles eram insuportáveis, que eles achavam que nós éramos do duro né. Eles gostavam de fumar maconha, eles não tinham disciplina pra fazer as discussões deles. Nosso grupo não, então na hora de fazer campanha, a campanha deles era tudo enlouquecida. Então uma vez nós tivemos uma assembleia no hall da reitoria, que eu não me lembro qual era a pauta, e tinha uma pessoa do meu grupo que era uma pessoa muito dura, dura assim, fazia aqueles discursos violentos: “Ei, camarada!”. Aí um desses anarquistas, que era o Morgan, sentou no chão e ficou lá berrando enquanto o Antônio falava, “Antônio!!! O teu problema é sexual!!!” Que os anarquistas achavam que nós transávamos pouco, o que era verdade.¹⁴⁶

144 SOUZA, Rosângela Koerich. *Entrevista concedida a Lidia Schneider Bristot...* op. cit.

145 Idem.

146 Idem.

Essas lembranças do movimento estudantil trazem à tona uma memória de juventude, onde a relação com a política é lembrada como um momento de descobertas, de vivências novas. As experiências desse período se tornam assim um crescimento que vai além de apenas superar a juventude, mas é significada na iniciação política existente através da militância.

“O exercício do movimento estudantil era uma belíssima aula”¹⁴⁷. Frase de uma das entrevistadas, demonstra o papel dessa militância em suas vidas. Fazendo assim com que o movimento estudantil seja uma iniciação a vida e consciência política, em que se permite experimentar a atuação política ao mesmo tempo em que se vivência a juventude, as festas, as amizades e os amores. E essa experiência será importante para dar sentido às vivências políticas posteriores. Todas as entrevistadas continuaram militando politicamente de diversas formas, através de partidos, de sindicatos e outros grupos.

Quem seria a Rosângela hoje se não fosse uma militante? Seria mais uma pessoazinha comum, andando por aí, andando na rua, que não mudou nada, da casa para o serviço, do serviço para casa. Que tem por objetivo comprar uma roupinha nova. Ter marido, filhos e no final de semana fazer comidinha de família. Pode ser bom tudo isso mas, em que eu fui prejudicada? Claro, há mais dificuldade, mais trabalho mas, eu cresci.¹⁴⁸

A militância no movimento estudantil permitiu que se abrissem novas possibilidades para essas mulheres. Uma vida além do que era esperado para um mulher, com marido, filhos, trabalho e pensando apenas na família. A oportunidade de “crescerem” enquanto mulheres e sujeitas não foi desperdiçada por essas mulheres, que encontraram nessa militância jovem outras maneiras possíveis de viver e pensar o mundo diferente do que delas era esperado.

4.1 A NOVEMBRA DA

Não poderia terminar um trabalho sobre o movimento estudantil de Florianópolis sem falar sobre a Novembrada, manifestação que foi muito importante para a cidade e teve repercussão na mídia nacional e inclusive internacional.¹⁴⁹ Vários estudantes foram presos, entretanto o acontecimento não consta na grande maioria dos trabalhos históricos sobre o movimento estudantil brasileiro ou sobre a resistência à ditadura na década de 1970. Creio ser

147 LIPPEL, Thais Helena. *Entrevista concedida a Lidia Schneider Bristot...* op. cit.

148 SOUZA, Rosângela Koerich. *Entrevista concedida a Mirian Elisa da S. A. Wagner...* op. cit.

149 Foi noticiado em no jornal boliviano Hoy, de La Paz que “Fuentes gubernamentales aseguraron hoy que la apertura política brasileña se mantendrá pese al incidente sufrido ayer por el Presidente João Figueiredo, quien fue víctima em Florianópolis de rechiflas e piedras.” HOY. La Paz, 1º dez. 1979.

importante esse tópico sobre a Novembrada tanto por trazer à tona essa memória que é pouco discutida como porque esse foi um acontecimento que teve muito impacto na vida das estudantes que eu entrevistei.

Em junho de 1979 ocorreram as eleições para o DCE, do qual a chapa Unidade, comandada pelo Partido Comunista e uma coligação de outros grupos, saiu vencedora. O contexto de abertura vivido no país funcionava como um “cabo de guerra”, onde os militares no governo procuravam frear e controlar a abertura a seu modo – lenta, gradual e segura – e a sociedade civil organizada pressionava para ter atendido seus interesses de liberdades democráticas e avanços sociais.

Em agosto do mesmo ano havia sido promulgada a Lei da Anistia, depois de amplas campanhas de setores organizados, como o Movimento Feminino pela Anistia e o Comitê Brasileiro pela Anistia. Apesar dos problemas da lei, que nesse momento ainda não anistiava os presos que haviam sido condenados pelos crimes de “terrorismo, assalto, seqüestro e atentado pessoal”¹⁵⁰, ela foi um avanço importante em direção à volta do regime democrático, que começou a viver nos meses seguintes a volta de diversos exilados ao país.

Nesse contexto de abertura política o então presidente, que havia tomado posse em janeiro de 1979, general João Figueiredo, planeja uma visita à Santa Catarina e a Florianópolis. Seu governo, iniciado em março daquele ano, foi marcado pela ambiguidade. Para Robert Henry Srouer, essa ambiguidade aparecia como uma abertura e liberalização da máquina estatal, sempre tutelada pelo governo de forma autoritária.¹⁵¹ Em sua pauta em Santa Catarina estava assinar diversos convênios, anunciar a tão desejada Sidersul¹⁵², e cristalizar uma imagem de presidente popular, da abertura democrática e próximo das massas, através do slogan “João, o presidente da reconciliação”, que estava escrito em um enorme balão instalado em Florianópolis muitos dias antes da visita.¹⁵³

A visita do presidente, que ocorreu em 30 de novembro, vinha sendo intensamente

150 BRASIL. Lei no 6.683 de 28 de agosto de 1979. Concede anistia e dá outras providências. Sobre a disputa pela Anistia ver REIS, Daniel Aarão. *Ditadura, anistia e reconciliação*. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 23, n. 45, p. 171-186, 2010.

151 SROUR, Robert Henry. *A política dos anos 70 no Brasil: a lição de Florianópolis*. São Paulo: Econômica editorial, 1982, p. 62.

152 A Sidersul (Siderúrgica Sul Catarinense) era um antigo sonho catarinense. A tentativa de se implementar uma indústria de siderurgia já não era nova, mas a Sidersul foi o principal movimento neste caminho, e em novembro de 1979 era a principal questão que se buscava conseguir com a vinda do presidente ao estado, com diversas reportagens sobre essa questão nos jornais. Apesar dos convênios assinados a indústria nunca saiu do papel, sendo o projeto completamente abandonado em 1985.

153 MIGUEL, Luis Felipe. *Revolta em Florianópolis: a novembrada de 1979*. Florianópolis: Insular, 1995, p. 12-15.

noticiada durante mês de novembro, e todo o aparato governamental do estado de Santa Catarina estava posto para a passagem do presidente. O governador biônico, Jorge Bornhausen, que acompanhou a comitiva do presidente durante todo o período havia dispensado os funcionários públicos para que pudessem assistir e homenagear o presidente em sua aparição no Palácio do Governo, ao lado da Catedral e da Praça XV de Novembro.

Ao saber da visita que o presidente faria à cidade, o DCE da UFSC resolveu organizar uma manifestação. Para Thais Lippel, participante do DCE e militante da Unidade, um protesto de repúdio ao presidente era uma questão lógica do movimento. Em sua fala aparece marcadamente o protesto contra o presidente Figueiredo como mais um entre tantos atos organizados pelo DCE. Apesar de perceberem esse como um momento em que o movimento estudantil saiu de dentro do espaço universitário e teve grande repercussão, no momento aparecia como apenas mais uma entre tantas ações realizadas pelo DCE:

O que a gente reivindicava para universidade era melhoria da qualidade de ensino, mais professores para as aulas, estrutura com laboratórios, biblioteca, e também junto com a comunidade para além da Universidade estava colocada a questão da democracia, a defesa das liberdades democráticas, que era a bandeira de todo o movimento estudantil e social. Inclusive foi até isso que nos motivou a organizar uma manifestação contra o Presidente Figueiredo quando ele visitou a cidade. Nós pensamos “Bom, a gente foi eleito”, recém tínhamos sido eleitos, e fomos eleitos com essa bandeira, contra a carestia, por mais democracia..¹⁵⁴

Em sua fala Thais também deixa claro que o movimento estudantil estava mobilizado em torno das liberdades democráticas. Ponto que marcou a atuação dos movimentos sociais desse período. Para Rosângela, que estava em uma linha política diferente, essa questão é colocada como um embate posto entre atuações políticas diferentes. Mais um momento em que buscavam “cutucar a onça com vara curta”.

Nós, [o Núcleo de Estudantes Pró-PT], sentimos a necessidade de fazer um ato contra o Figueiredo, principalmente porque existia na época uma concepção da classe dominante de Florianópolis que os florianopolitanos eram um povo extremamente pacífico, que jamais tinha se colocado contra as instituições, o Estado constituído, aquela coisa que todo mundo conhece muito bem. E nós achamos que precisávamos derrubar isso, precisávamos mostrar que nós não somos pessoas tranquilas, que nós lutamos contra a ditadura militar e nós não concordamos com esse país. Aí pressionamos a direção da UCE e do DCE para chamar uma reunião, o que eles atenderam prontamente. (...) Pressionamos, saiu a reunião do DCE, imediatamente, não houve assim, resistência da Unidade, mas ela vacilou, porque eles diziam o seguinte, que a gente não podia – coisa que a Unidade adorava [dizer] –: cutucar a onça com vara curta. Tadinhos, eles tinham tanto cuidado e eram

154 LIPPEL, Thais Helena. *Entrevista concedida a Lidia Schneider Bristot...* op. cit.

sempre os primeiros a serem presos porque eram do Partido Comunista, era inacreditável isso! (...) Aí fizemos uma reunião no DCE, que era aqui na época ainda Álvaro de Carvalho, que era a sede da UCE.¹⁵⁵

Dessa maneira foi sendo organizada uma manifestação com um grupo pequeno dos estudantes, pois devido ao temor da repressão e para evitar que não se conseguisse realizar o protesto, a reunião no DCE não foi aberta, sendo realizada por um grupo pequeno que já militava no movimento estudantil e comentada com outros colegas no boca a boca durante a semana. Foi realizado uma reunião na semana anterior para discutir os pontos principais do manifestação, como o teor do panfleto a ser distribuído para a população e o que seria escrito nas faixas.

Nos reunimos e discutimos o documento e as faixas, depois de muita discussão para saber o que íamos escrever. Eu queria uma faixa com os dizeres, “Abaixo a ditadura”, eles não permitiram. Tinham que ser faixas, “chega de sofrer o povo quer comer”, “chega de canhão, mais arroz e mais feijão”, umas coisas assim, no documento também. Eu queria uma grande faixa, mas nós decidíamos tudo coletivamente. Fazíamos votação e acatávamos o que tinha sido decidido. Briguei muito com eles, com a Marize, com a Lígia, com o Adolfo mas não adiantou.¹⁵⁶

Interessante perceber como essas discussões eram feitas de embates e relações de poder, e para Rosângela a decisão das faixas e do documento foi um desses momentos. Ao contrário de outras falas, que parecem lembrar esse momento como sem embates, Rosângela faz questão de afirmar um desses momentos em que precisou defender o que seu ponto de vista. Com certeza essa atuação também deve-se a sua linha política, uma vez que a Libelu nacionalmente se posicionava através da palavra de ordem “Abaixo a ditadura”, de maneira a se posicionar firmemente contra o regime e não escamotear suas intenções através de frases mais simples e generalistas como as “lutas democráticas”.

Entretanto, da mesma forma esses são os momentos mais enriquecedores, pois se aprende a defender seus ideais e se impor para isso. Com as mulheres essa questão é ainda mais significativa, pois a sociedade ensinava – e ainda ensina – que discutir, ainda mais politicamente, não é uma tarefa feminina, que o correto e o educado é não se intrometer, mesmo quando se acredita estar certa.

De acordo com os estudantes toda essa organização foi acompanhada de perto por agentes policiais, que sabiam que haveria uma manifestação estudantil. O que não se esperava era o apoio que o resto da população, que inicialmente estava lá para saudar o presidente, teria

155 SOUZA, Rosângela Koerich. *Entrevista concedida a Lidia Schneider Bristot...* op. cit.

156 SOUZA, Rosângela Koerich. *Entrevista concedida a Mirian Elisa da S. A. Wagner...* op. cit.

para com o protesto. O panfleto, que foi distribuído durante a manhã daquele dia, quando a população estava chegando ao centro para trabalhar, também continha a mesma linha da faixa, indo ao encontro das dificuldades vividas pela população.

Hoje, após 15 anos de repressão, o Governo nos ‘presenteia’ com a visita de seu chefe, o General João Batista Figueiredo. Nesses anos todos, o povo pagou com seu suor, as mordomias dos caciques governamentais. Pagou com seu suor, quando o preço dos gêneros alimentícios aumentam (os preços exorbitantes), fazendo com que as famílias possam apenas sonhar com a comida que os ‘homens do governo’ esbanjam. Por isso, devemos deixar claro que, por mais que seja a campanha publicitária que o governo faça para mudar sua fachada, não vai conseguir enganar o povo. Quando o General ‘João’ afaga com sua mão, a cabeça de uma criança, esconde a outra mão que sustenta o fato de hoje milhares e milhares de crianças brasileiras abandonadas e famintas. Apesar do General ‘João’ achar que ‘seu problema não é o povo e sim a nação’, ele se esquece que a cada aumento da gasolina, afeta diretamente os trabalhadores, que dependem do transporte como meio de vida. Com isso, torna-se claro que os problemas do povo são diferentes do problema do General.

Quem viaja de avião-a-jato, passeia de ‘galaxie’ (as custas do povo), nunca vai se preocupar com o preço da gasolina. Igualmente, quem está habituado a receber banquetes de 6.000 talheres, 3.000 kgs de carne, 6.000 litros de chopp (também as custas do povo), pouco está se importando com o preço de um prato de comida. O povo não se engana mais; exige melhores condições de vida. ‘Abaixo o populismo do General Figueiredo.’¹⁵⁷

Percebe-se a ênfase muito mais nas questões econômicas do momento¹⁵⁸ e nas implicações diretas da vinda do presidente, pois seria realizado um churrasco para diversos políticos a custa de dinheiro público, como se refere o final do manifesto. Essa estratégia facilitava tanto a aproximação com a população quanto procurava desconectar a manifestações de questões “subversivas” políticas.

Ao iniciar o protesto, na praça XV de Novembro, as palavras de ordem que Rosângela citou foram as usadas. Srouf cita em seu livro o depoimento de uma estudante sobre o episódio: “Era patente: o povo esfarrapado na praça e, lá no palácio, o pessoal todo barrigudinho e enternado... rindo... De quê? De quem? Bastou dizer: veja a diferença! E o povo aderiu na hora!”¹⁵⁹ Com essa adesão popular que foi havendo os estudantes foram perdendo o comando da manifestação, e o ódio contra o sistema e as condições de vida foram se transformando em ódio contra as figuras do presidente e do governador, que nesse

157 A NOTÍCIA. Joinville, 1 de dez. 1979, p. 16. In: WAGNER, Mirian Elisa da Silva Aguiar. *Em cena, as mulheres: a novembrada como lugar de resistências*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, 2003.

158 1979 já havia assistido a uma grande alta no preço do leite, de outros gêneros alimentícios e a recente alta da gasolina, mostrando que a situação econômica do país estava realmente em crise.

159 SROUR, Robert Henry. *A política dos anos 70 no Brasil...* op. cit., p 78.

momento acenavam para a multidão da varanda do Palácio do Governo. As palavras de ordem eram “Abaixo ao Figueiredo, o povo não tem medo!”, “Cavalo”, “Chega de sofrer, o povo quer comer” e “Abaixo a Ditadura!”. O que expressa bem o caráter que a manifestação teve, pois apesar de ter sido organizada inicialmente pelo movimento estudantil, só obteve sucesso ao se transformar em legitimamente popular.

Ao perceber as palavras de ordem proferidas por um grupo de pessoas, o Presidente Figueiredo fez um gesto com a mão, com o intuito de dizer que eram poucas as pessoas que protestavam em comparação com as que aplaudiam. O gesto foi entendido pela população como uma ofensa, e foi o estopim para que as pessoas não se contivessem mais, e a partir desse momento ouviram-se muitos gritos de “Fascista!”, “1, 2, 3, 4, 5 mil, Figueiredo vá para a puta que pariu” e “Figueiredo filho da puta”. As tentativas dos estudantes de acalmar a população foram em vão e nesse momento o presidente perdeu o controle, recebeu a ofensa de maneira extremamente pessoal e resolveu descer até a multidão para tirar satisfações a respeito dessa ofensa de sua honra como homem:

Repórter: O problema tem de ser enfrentado de perto. Parabéns por sua atitude, presidente.

Figueiredo: A gente admite tudo, o protesto, a divergência, admite até o protesto veemente. Mas a ofensa, eu não admito. Eles ofenderam meus bríos e eu deixei, momentaneamente, de ser presidente para ver se eles eram povo unido. O povo unido é este que está aqui, não é aquele pinguinho de gente que está ali. Eles têm o direito de ser comunistas. E eu até admito conversar com eles. Mas o que não admito é que eles me ofendam.

Repórter: Inclusive, quando o senhor foi para lá, eles fugiram praticamente todos.

Figueiredo: Eu só lamento que o povo e os elementos da minha segurança não tenham permitido.

Repórter: O senhor gostaria de conversar com eles?

Figueiredo: Eu só gostaria de perguntar por que minha mãe está em pauta. Eles ofenderam minha mãe. Por que isto? Por que esta baixezça?

Repórter: O.K., presidente, obrigado.

Figueiredo: É estes os argumentos que eles tem? Podem ir para a Rússia apresentar estes argumentos; aqui no meu país, não.¹⁶⁰

Cabe ressaltar essa defesa da honra masculina por parte do presidente. Nesse ideal de honra são as mulheres (mães, filhas, esposas, irmãs...) as responsáveis pela honra familiar, tornando-se assim necessário que os homens tenham o controle dessas mulheres.¹⁶¹ Nesse caso, ao ouvir que a sua mãe seria uma “puta”, o presidente pretendeu ele mesmo lavar a honra familiar, indo tomar satisfações com as pessoas que lá estavam. Afinal sua mãe não era

160 SROUR, Robert Henry. *A política dos anos 70 no Brasil...* op. cit., p. 92.

161 GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: uma revisão teórica. *Antropologia em primeira mão*, Florianópolis, 2004. Disponível em: < <http://www.antropologia.ufsc.br/75.%20grossi.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2012.

prostituta, mas só a possibilidade de alguém referir a ela como sendo uma mulher com um sexualidade não normatizada nos ideias de família e bons costumes já era o suficiente para manchar a honra dela como mulher, e por conseguinte a sua enquanto filho de uma mulher fora da norma. Percebe-se como essa identidade de honra masculina é forte, pois permitiu que até o Presidente da República “perdesse a cabeça”.

Após o ocorrido foram presos sete estudantes, Adolfo Dias, Lígia Giovannella, Marize Lippel, Rosângela Koerich, Geraldo Barbosa, Hamilton Alexandre e Newton Vasconcellos Júnior. Os estudantes que foram presos após a manifestação foram indiciados por insultar o presidente, com base na Lei de Segurança Nacional. Após 15 dias todos os estudantes presos foram liberados, respondendo processo em liberdade e posteriormente sendo inocentados no Tribunal Militar de Curitiba, onde corria o processo. A questão do insulto está presente o tempo todo, pois os estudantes foram inocentados ao provarem que não foram eles que proferiram aquelas palavras.

As mobilizações na cidade após a prisão dos estudantes foram muito intensas, com a participação de milhares de pessoas, e contribuíram para a mobilização pelo fortalecimento da redemocratização e pelo fim da Lei de Segurança Nacional. Segundo Thais Lippel o movimento estudantil cresceu muito com as mobilizações pela liberação dos estudantes presos.

Fizemos contatos e convites para participação de todas as entidades a nível nacional, representantes de DCE de varias universidades federais e da UNE vieram para Florianópolis em solidariedade aos estudantes presos e ajudaram a convocar a população para Atos Públicos. Aconteceu tudo com muito apoio, da pastoral, da arquidiocese, de Deputados da Assembleia Legislativa que eram da oposição. Na época era o deputado Küster que sempre nos apoiou. Na manifestação deviam ter mais de 10 mil pessoas.¹⁶²

Num momento de mobilização pela abertura as manifestações pela libertação dos presos tiveram apoio nacionalmente, principalmente através da UNE e do MDB. Uma fala marcante em uma das primeiras manifestações pela liberdade dos presos foi a da mãe de Lígia Giovannella, que nesse momento encontrava-se foragida (ela e Adolfo Dias, respectivamente vice e presidente do DCE, haviam ido para o interior e se entregaram a polícia três dias depois). Segundo reportagem veiculada n'O Estado, foi “o momento mais comovente da manifestação de ontem e que fez várias pessoas chorar”¹⁶³ a mãe de Lígia, Josefina, deu a seguinte declaração:

162 LIPPEL, Thais Helena. *Entrevista concedida a Lidia Schneider Bristot...* op. cit.
163 O ESTADO. Florianópolis, 5 dez. 1979, p. 3.

D. Josefina dizia que “tem mais: eu creio plenamente na juventude brasileira reprimida 15 anos, agora mais ou menos”. Mas “eu prometo para vocês que se vocês souberem reivindicar os seus direitos, os direitos de cada um, nós vamos ser gente”. E perguntou aos manifestantes: “Não é verdade gente, que agora é igual a 1975? Por que? Porque em 1975 eu tive um filho sequestrado, torturado, e não teve uma voz em Santa Catarina a favor.” Seguiu-se a palavra de ordem: “Agora tem, agora tem”.¹⁶⁴

A fala de Josefina é importante também por relacionar com o contexto anterior, quando seu filho mais velho, Sérgio Giovanella, foi preso na Operação Barriga Verde. A diferença em como essas prisões repercutiram mostra o momento tanto de maior abertura política como de maior organização dos movimentos sociais em prol das liberdades democráticas e do estado de direito. Além disso, outro ponto é notável em sua fala para esse trabalho: “eu creio plenamente na juventude brasileira”. Ao afirmar que crê na juventude, Josefina não só aponta para que a manifestação contra o presidente foi organizada por jovens estudantes, mas inverte a lógica ao positivar isso, uma vez que o discurso governamental era de que a “juventude” que fez esse protesto eram apenas rebeldes inconsequentes. A juventude é nesse momento positivada como o vetor de mudanças sociais, que ao reivindicar os direitos de cidadãos é capaz de transformar a sociedade.

A fala de Marlene mostra o papel que esse evento teve como exemplo de atuação política:

A Faculdade de Sociologia foi minha escola, e o movimento da Novembrada foi minha iniciação política. Foi aí que eu escrevi meus poemas mais contestadores, depois conheci o PT, engajei-me e minha história tomou os rumos da militância.¹⁶⁵

O papel que a manifestação teve na vida de muitas jovens militantes é importantíssimo. Muitas vezes a memória da Novembrada acaba por encapsular nesse evento toda a resistência ocorrida na cidade, creio não ser isso o que busco com essa rápida análise, mas sim demonstrar como foi a atuação dessas estudantes nesse evento e a percepção que dele tiveram. A Novembrada é um exemplo de como se deram as mudanças para a democracia no país, de como esse não foi um movimento programado e organizado com um propósito único, e como a atuação de homens e mulheres influenciou esse processo. Foi também a iniciação política de muitas estudantes.

A Novembrada possui diversos registros fotográficos, que auxiliam a compreender

164 Idem.

165 FÁVERI, Marlene de. *Entrevista concedida a Mirian Elisa da S. A. Wagner...* op. cit.

como foi essa manifestação e as manifestações posteriores pela liberdade das estudantes presas, essas fotos mostram que o apoio da população foi muito forte. A primeira foto é da Novembrada, e as duas fotos posteriores são da primeira manifestação pela liberdade das estudantes, numa delas é possível ver as faixas pedindo a liberdade dos companheiros presos e na segunda a repressão policial que ocorreu aos manifestantes.



Ilustração 3: Manifestação contra o Presidente Figueiredo, 30 nov. 1979 - Acervo Jornal O Estado



Ilustração 4: Manifestação pela liberdade dos estudantes presos, 4 dez. 1979 - Acervo Jornal O Estado



Ilustração 5: Repressão policial aos manifestantes, 4 dez. 1979 - Acervo jornal O Estado

CONCLUSÕES FINAIS

Procurei, com a escrita desse trabalho, discutir alguns momentos da participação das mulheres no movimento estudantil de Florianópolis, traçando assim um histórico sobre o movimento estudantil que focasse participação das mulheres e seu cotidiano de militância. O período de abertura e democratização do Brasil foi um momento riquíssimo de mobilização social. Novos movimentos sociais ou diferentes formas de pensar antigos movimentos sociais, como é o caso do movimento estudantil brasileiro, foram extremamente importantes pra construir um outro projeto de país. A vivência num espaço de militância jovem se torna uma possibilidade de criar consciência política e pensar conjuntamente as formas de mudar a realidade social.

A questão da juventude e do movimento estudantil na experiência das mulheres me era cara, uma vez que entendo que essas vivências possuem nuances diferentes das dos homens jovens estudantes. Acredito que as mudanças culturais ocorridas nas décadas de 1960 e 1970 são importantes para pensar as possibilidades de atuação e sociabilidade dessas mulheres, fazendo com que a experiência de militância no movimento estudantil esteja ligada às vivências de amizade, festas, discussões e companheirismo. Muito mais que para os homens, que possuíam mais liberdade de sociabilização, a experiência do movimento estudantil pode ser vista como uma experiência de liberdade e construção de novas indivíduos.

A presença das mulheres nesse movimento é muito importante, e busquei elucidar um pouco sobre a vivência de mulheres estudantes nesse período, suas experiências enquanto mulheres, jovens, militantes e estudantes em Florianópolis. Nessa efervescência de discussão política, em um momento em que a redemocratização abre espaço de atuação política para novos sujeitos, os movimentos sociais e os grupos políticos afluíram em diversas linhas. É nesse momento que muitas mulheres entram nesse jogo político, possibilitadas pelas mudanças culturais ocorridas na última década e pela emergência do feminismo no Brasil.

Afirmo isso pois acredito que o feminismo, mesmo que indiretamente, tem importância quando uma mulher afirma que não quer ter “por objetivo comprar uma roupinha nova. Ter marido, filhos e no final de semana fazer comidinha de família.”. A segunda onda feminista no Brasil na década de 1970 e as mudanças culturais que vinham acontecendo desde a década de 1960 com o protagonismo da juventude são importantes para pensar as atuações dessas mulheres no movimento estudantil.

O movimento estudantil aparece nas memórias dessas mulheres como um momento de tomada de consciência social e política, em que a descoberta da realidade em que se vive se torna a motivação para a atuação política. Tendo conquistado a possibilidade de estar dentro da Universidade, essas mulheres aproveitaram o momento histórico em que viviam e entraram para a vida pública através do movimento estudantil. As possíveis contradições entre a participação de mulheres e homens no movimento estudantil é percebida como uma questão ambígua. Enquanto a presença das mulheres é tida como maciça e sem problemas, também se comenta sobre a falta de lideranças mulheres e necessidade de se impor para ser respeitada.

Essa ambiguidade é complexa de se analisar, acredito que as memórias podem ou não serem ressignificadas. Como ocorre nos trabalhos de história oral com mulheres que militaram em grupos de esquerda e como feministas nos países do Cone Sul, muitas delas em suas falas afirmam que não viam diferenças ou machismo quando participaram de grupos de esquerda, e só após um contato mais forte com o feminismo é que perceberam de maneira mais clara posturas machistas de seus companheiros de militância.¹⁶⁶

A questão sobre a inserção das mulheres em diversos espaços públicos ainda hoje é desigual e pertinente, tornando-se assim importante perceber como se deu essa participação em outros momentos. Ainda hoje as militantes estudantis sofrem preconceito enquanto mulheres que atuam politicamente, assim como a maioria das mulheres que possuem uma militância política.¹⁶⁷ Apesar das dificuldades, a atuação política se torna importante como uma maneira de se empoderar enquanto sujeitas sociais. As experiências vividas com essa militância jovem tem importância tanto pessoal, lembrando as memórias de descoberta, amizade, festas e tomada de consciência como pública, pois a iniciação política no movimento estudantil é sempre significada como uma iniciação que continua até hoje em outros espaços.

Thais Lippel continuou sua militância em sindicatos e grupos relacionados à medicina e pela defesa da saúde pública e do SUS (Sistema Único de Saúde). Marize Lippel, que casou-se com o irmão de Lígia que foi preso durante a Operação Barriga Verde, também militou em sindicatos da área de Farmácia, sua profissão. Rosângela Souza é ainda hoje militante pelo Partido dos Trabalhadores, tendo sido advogada representante de diversos sindicatos no

166 Diversas pesquisas realizadas no LEGH na vigência do projeto O gênero da resistência: na luta contra as ditaduras militares do Cone Sul 1964-1989 discutem essa questão. Ver os livros PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe (orgs.). *Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010 e PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe; VEIGA, A. M.; (Orgs.). *Resistências, gênero e feminismos contra as ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.

167 Um exemplo disso foi a reportagem da revista Playboy de agosto de 2011, que ao cobrir o 52º Congresso da UNE foi em busca das mulheres estudantes e afirmou que “de modo geral, quanto mais atraente a militante, menos politizada ela é.” LAZARETTI, Bruno. A UNE deu PT. *Playboy*. São Paulo, n. 435, ago. 2011.

estado e inclusive candidata a vereadora pelo partido. As três continuam com uma forte militância em relação às violações de direitos humanos durante a ditadura civil-militar brasileira.¹⁶⁸

Todas as entrevistadas mantêm a militância em espaços diversos, mostrando assim que com a oportunidade de se inserirem em um movimento político e social aproveitaram o momento para continuarem suas atuações políticas. O movimento estudantil durante o final da década de 1970 se torna assim uma vivência como a escola, onde as jovens tem a oportunidade de “aprender política”, não através de um professor, mas através das próprias vivências que constroem delas sujeitas que se reconhecem enquanto atuantes politicamente em busca de transformações no mundo em que vivem.

Considero importante essa análise uma vez que as histórias sobre o movimento estudantil ainda são poucas, e ainda menor é a discussão sobre as participação específicas das mulheres nesse espaço. A memória das mulheres são diferentes das memórias masculinas, tidas ainda hoje como as representantes do universal. Segundo Salvatici a história oral de mulheres permite perceber as memórias que são consideradas públicas, com esse trabalho procurei trazer à tona outras memórias de militância, relativas as experiências das mulheres e seus cotidianos, permeadas pela novidade, a emoção, os relacionamentos e a atuação política séria.

Acredito que a importância que o movimento estudantil teve durante esse período foi também motivada pela participação que teve as mulheres nesse movimento em relação a outros movimentos sociais (partidos políticos, sindicatos). As jovens militantes estudantes foram também uma demonstração das mudanças sociais do país e por isso tão importantes para o movimento. Procurar as especificidades dessas vivências é importante não só para pensar o movimento estudantil como um todo mas para compreender como e porquê esse foi o campo mais utilizado por elas para entrarem na militância política.

¹⁶⁸ A Comissão Estadual da Verdade Paulo Stuart Wright, criada em Santa Catarina em 2013 realizou diversas audiências públicas da qual participei. Em todas elas encontrei alguma das três entrevistadas entre o público ou entre os que deram testemunhos. Também as encontrei em mobilizações e manifestações como a ocorrida em 1o de abril desse ano, em memória dos 50 anos do golpe militar.

FONTES

ENTREVISTAS

DE LUCA, Derlei Catarina. *Entrevista concedida a Sérgio Luis Schlatter Junior*. Criciúma, 22 abr. 2008. Acervo LEGH

ESPÍNDOLA, Luiz Carlos. *Entrevista concedida a Lidia Schneider Bristot*. Florianópolis, 30 jul. 2010. Acervo UFSC 50 anos.

FÁVERI, Marlene de. *Entrevista concedida a Mirian Elisa da S. A. Wagner*. Florianópolis, mar. 2003. Acervo pessoal.

JOFFILY, Olivia Rangel. *Entrevista concedida a Joana Maria Pedro, Joana V. Borges e Sérgio S. Júnior*. Florianópolis, 07 maio 2009. Acervo LEGH.

LIPPEL, Marize. *Entrevista concedida a Lidia Schneider Bristot*. Florianópolis, 11 ago. 2012. Acervo pessoal.

LIPPEL, Thais Helena. *Entrevista concedida a Lidia Schneider Bristot*. Florianópolis, 10 out. 2012. Acervo pessoal.

MARTINS, Valmir. *Entrevista concedida a Joana Maria Pedro e Cristina Scheibe Wolff*. Florianópolis, s/data. Acervo LEGH.

SOUZA, Rosângela Koerich. *Entrevista concedida a Lidia Schneider Bristot*. Florianópolis, 09 out. 2013. Acervo pessoal.

SOUZA, Rosângela Koerich. *Entrevista concedida a Mirian Elisa da S. A. Wagner*. Florianópolis, jan. 2003. Acervo pessoal.

DOCUMENTOS

DE LUCA, Derlei. *No corpo e na alma*. Criciúma: Ed. Do autor, 2002.

JORNAL UNIVERSITÁRIO. Florianópolis, maio 1979.

O ESTADO. Florianópolis, 1975.

O ESTADO. Florianópolis, 1978.

O ESTADO. Florianópolis, 1979.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. *Boletim do Pessoal*. Florianópolis, 1963-1979

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Lédio Rosa de. *Abaixo as ditaduras: história do movimento estudantil catarinense 1974-1981*. Florianópolis: Conceito, 2010.

ARAUJO, Maria Paula. *Memórias estudantis: da fundação da UNE aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fundação Roberto Marinho, 2007.

BARROSO, Carmen Lúcia de Melo; MELLO, Guiomar Namó. O acesso da mulher ao ensino superior brasileiro. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 15, dez. 1975.. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/278.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2014.

BENEVIDES, Sílvio César Oliveira. *Na contramão do poder: juventude e movimento estudantil*. São Paulo: Annablume, 2006.

BRITTO, Sulamita de (Org.). *Sociologia da juventude IV: os movimentos juvenis*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Orgs.). *Revolução e democracia: 1964-....* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (Coleção As Esquerdas no Brasil, 3).

FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: uma revisão teórica. *Antropologia em primeira mão*, Florianópolis, 2004. Disponível em: < <http://www.antropologia.ufsc.br/75.%20grossi.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

ITALI, Marli Paulina. Uma voz feminina silenciada no movimento estudantil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10, 2013, Florianópolis. *Anais eletrônicos...* Florianópolis: IEG, 2013. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386738062_ARQUIVO_MarliPau

linaVitali.pdf> Acesso em: 28 abr. 2014.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madri: Siglo veintiuno, 2002.

LANGLAND, Victoria. *Speaking of Flowers: student movements and the making and remembering of 1968 in military Brazil*. Durham and London: Duke University Press, 2013.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1990.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. *Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana (Florianópolis 1950 a 1970)*. 2002. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

MARTINS FILHO, João Roberto. *Movimento estudantil e ditadura militar: 1964-1968*. Campinas: Papirus, 1987.

MARTINS, Celso. *Os quatro cantos do sol: Operação Barriga Verde*. Florianópolis: EdUFSC e Fundação Boiteux, 2006.

MENDES JUNIOR, Antônio. *Movimento estudantil no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MIGUEL, Luis Felipe. *Revolta em Florianópolis: a novembrada de 1979*. Florianópolis: Insular, 1995.

MORETTI, Serenito A. *Movimento estudantil em Santa Catarina*. Florianópolis: [s.n.] 1984.

NECKEL, Roselane; KÜCHLER, Alita Diana (Orgs.). *UFSC 50 anos: trajetórias e desafios*. Florianópolis: UFSC, 2010.

PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe (Orgs.). *Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010.

PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe; VEIGA, A. M.; (Orgs.). *Resistências, gênero e feminismos contra as ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: uso da categoria gênero na pesquisa histórica.

História, São Paulo, v. 24, n. 1, 2005, p. 89. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2014.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

POERNER, Artur José. *O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996.

ROSA, Maristela da. *Rompendo normas: trajetória social e prática docente de Eglê Malheiros no Colégio Estadual Dias Velho (Florianópolis 1947/1064)*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.

SALVATICI, Silvia. Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. *História Oral*, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 29-42, jan./jun. 2005.

SANT'ANNA, Irum. *O garoto que sonhou mudar a humanidade*. Rio de Janeiro: Fundação Dinarco Reis, 2011.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, n. 16(2), jul/dez 1990.

SOUSA, Janice Tirelli de; GROPPPO, Luís Antonio (Org.). *Dilemas e contestações das juventudes no Brasil e no mundo*. Florianópolis: UFSC, 2011.

SOUSA, Janice Tirelli Ponte. *Reinvenções da utopia: a militância política de jovens nos anos 90*. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

SROUR, Robert Henry. *A política dos anos 70 no Brasil: a lição de Florianópolis*. São Paulo: Econômica editorial, 1982.

VIEIRA, Amazile de Hollanda. O Instituto Polytechnico de Florianópolis. *Revista Ciências Humanas*. Florianópolis, v. 2, n. 4, 1983.

WAGNER, Mírian Elisa da Silva Aguiar. *Em cena, as mulheres: a novembrada como lugar de resistências*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, 2003.

WOLFF, Cristina Scheibe. Feminismo e configurações de gênero na guerrilha: perspectivas comparativas no Cone Sul 1968-1985. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, n. 54, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n54/a03v2754.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2014.

ZIMMERMANN, Joseane. *Ao sul os desejos: a cidade transfigurada na poesia de Eglê Malheiros*. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.